O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christ

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 6 DE MARÇO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1.350

As quadrilhas politicas em Portugal

Aos homens de bem de todos os paizes

Eu li o *Mundo* de quinta feira, 24 de fevereiro, e cobri o rosto de vergonha.

Sabe a Europa o que é o *Mundo*? Sabem-no os *homens de bem de todos os paizes?* O *Mundo* é o jornal d'um *souteneur*.

O vosso Hervé, francezes, dizia ha pouco, que, apesar de todos os seus sentimentos egualitarios, que, não obstante a sua commiseração pelos degenerados, pelos infelizes, pelos miseraveis, jámais tivera força de piedade para apertar a mão a um *souteneur*. O vosso Hervé, que, para certos casos, prega o assassinato! O vosso Hervé, que defende *apaches!*

O *souteneur* repugna-lhe. O *souteneur* causa-lhe a impressão d'um reptil nojento. Elle quer applicar-lhe a theoria do determinismo, e não pode. Quer considera-lo um irresponsavel, e recua. Quer acarinha-lo como a um grande desgraçado e foge, como quem foge d'uma vibora, d'um lacrau, d'uma serpente. Como quem foge d'uma coisa medonha. Monstruosa. D'um producto horrendo da natureza. O vosso Hervé! O mais audacioso dos vossos anarchistas!

Pois bem. Ha em Lisboa uma mulher chamada Margarida das Flores. Essa mulher é prostituta. Essa mulher faz ou fez commercio de prostitutas. Tem ou teve casa de prostituta. Foi seu rufio, termo que corresponde na nossa lingua á vossa palavra *souteneur*, um homem que se chama França Borges. E sabeis quem é França Borges? E' o dono e director do jornal em que um miseravel, para justificar o assassinato de D. Carlos, o rei de Portugal, se dirigia, como um homem de bem, um democrata, um patriota... *aos homens de bem de todos os paizes.*

Eu cobri o rosto de vergonha! Vergonha, sim, que sou portuguez! Vergonha de mim e da terra que nasci!

E' publica em Portugal a prostituição d'esse infame. Tão abjecto, que nem Gustavo Hervé, o destruidor de todos os preconceitos, o nivelador de todos os homens, o que perdoa todas as miserias, todos os vicios, todos os crimes, lhe apertaria a mão, se o conhecesse.

E' publica essa infamia. Os proprios revolucionarios chamam ao *Mundo*, o jornal mais lido do partido republicano portuguez, *orgão da Margarida das Flores!*

Em 16 de janeiro do corrente anno, o *Povo de Aveiro* publicava uma carta, da qual respigamos os trechos que se seguem:

O França Borges começou a sua vida jornalistica na "Vanguarda", com Faustino da Fonseca, Carlos Calixto, etc. Foi sempre, como outros que ali ha, um jornalista que só uma grande força de vontade pode produzir, encurralado na profissão por não ter engenho nem aptidões para outra.

E', como V. sabe, um typo funebre, parecendo trazer lá dentro alguma colossal palhaçada a pesar-lhe na consciencia. Foi sempre um mau companheiro para quem o não deixava na lucta occupar o primeiro logar. Veio da "Vanguarda", com o Alves Correia para o "Paiz", e subiu a chefe da redacção mais pela sua baixa lisonja junto de Alves Correia do que por meritos proprios.

A esse tempo tinha elle arranjado uma amante que o sustentava, nos intervallos em que não tinha emprego. Era uma mulher que não sei se era casada ou solteira, e com quem elle saia de braço dado por essas ruas fóra. Essa mulher passou-lhe mais tarde o pé com um d'esses sortalistas prégadores de associações operarias, que abandonou o officio por esse mais rendoso de viver á custa alheia, prégando asneiras balofas e idiotias contra a burguezia e o capital,

A mulher tinha dinheiro, e, emquanto elle durou, o successor do França Borges, ao que me consta, passou vida folgada.

Depois d'essa é que veio a Margarida. O "Paiz" fora vendido por Alves Correia a um grupo de republicanos e tinha como director João Chagas, que naufragara com a "Marselheza".

João Chagas, obrigado a fugir para Hespanha, mandava de lá poucos artigos e muitos saques, o que fez com que os socios, aborrecidos e damnados com o canudo, vendessem o jornal.

Tendo ido parar ás mãos do José Benevides, este naufragou tambem e os restos entregou-os ao França Borges. Estava então o jornal na Praça de Camões, 6, onde estão hoje os consultorios de Egas Moniz e Antonio José de Almeida.

O que á noite se passava na redacção era phantastico e até velo a publico, mais tarde, contado por uma testemunha presencial.

A Margarida entrava como senhora na redacção da "Patria". E razão tinha, porque o seu dinheirinho ali ardia tambem. Em geral não ia só. Varias pupillas a acompanhavam. Ella fechava-se, com o França Borges, e cá fóra as companheiras desforrabam-se n'uma pagodeira desenfreada. Sentavam-se sobre a mesa da redacção, nas pernas dos redactores, emfim, onde lhes parecia ou as mandavam, despidas, que diabo! de intuitos gananciosos como a patroa.

Um dia o França Borges fez qualquer partida a um dos redactores, e este foi a outro jornal republicano, onde um correligionario em evidencia lhe publicou uma carta em que todas estas porcarias se contavam e mais a seguinte:

Que um dia estando no restaurante Leão, da Rua do Principe, vira entrar o França Borges pelo braço da Margarida das Flores. Sentaram-se os dois a uma mesa e jantaram. No fim o credo veio receber a conta e quem puxou do dinheiro e pagou foi... a Margarida das Flores.

O jornal republicano que publicou a carta foi "A Folha do Povo", e quem a assignou foi "Lino Cardoso", que ahi está vivo e são na repartição de contabilidade do ministerio das obras publicas.

A carta foi publicada em 1899 ou 1900.

Como se vê, é um pormenor interessante, que não deve esquecer-se, para ver de que qualidade são os ferozes jornalistas que diariamente pedem moralidade e accusam de desqualificados e indignos os que não pactuam com tanta patifaria.

E' publica a infamia, como se vê, e é-o já ha muitos annos. E, como se vê, França Borges não viveu só da *Margarida das Flores*. Viveu, vivia, de todas as prostitutas. De todas as nymphomaniacas. De todas as mulheres arrastadas por um defeito nato ao immundo vicio da luxuria.

Essas mulheres não lhe davam só dinheiro para comer. Não lhe matavam só a fome. Alimentavam-lhe, tambem, a vaidade de jornalista. Nos jornaes que elle dirigia, ao tempo sem leitores, entrava dinheiro de todos. Dos homens que lhe compravam a alma e das mulheres que lhe compravam o corpo!

Cahido na ultima degradação, cynico, como é e sempre foi, nem ao menos tinha o decôro de esconder a infamia. Passeava pelas ruas de Lisboa de braço dado com as prostitutas! Entrava com ellas nos cafés e restaurantes! Abancava com ellas! Comia e bebia com ellas! E quem pagava, á vista de todo o mundo, eram ellas!

Factos revelados hoje? Não. Factos revelados ha muito tempo, por outros republicanos, em jornaes republicanos, e factos, e accusações, de que elle nunca se defendeu!

Cynico, sempre cynico, infame, sempre infame, accusa um padre, redactor d'um jornal que o incommoda, a elle e a toda a quadrilha, de ter abandonado um filho. E elle entrega os filhos ás amantes, que os martyrisam! Ninguem sabe se o supposto filho do padre é realmente filho do padre, ou de quem é. A mãe portava-se mal. Por outro lado, o padre... é padre. Poderia ter interesse em occultar, se a teve, a sua falta. Mas elle, homem casado, denunciando no seu jornal, a cada passo, escandalos conjugaes, malsinando a toda a hora a honra das mulheres, das mulheres mais altamente collocadas, das proprias damas da corte, da propria rainha, escandalosamente passeia por Lisboa ao lado das amantes. Mas elle, homem casado, não entrega á sua mulher os seus proprios filhos. Não os confia, ao menos, a uma mulher de bom coração e de bons costumes. Confia-os ás amantes! Amantes boas, sequer? De boa alma? Relativamente honestas? Não. Pervertidas e perversas.

Em 9 de janeiro do anno corrente, o *Povo de Aveiro* publicava esta carta:

Sr.

Servimo-nos do seu apreciado jornal para lhe pedir uma obra de caridade.

Com a sua vigorosa palavra de justiça, poderá talvez V. adoçar a sorte d'uma infeliz creancinha. E' isto: O sr. França Borges tem um filho pequenino (4 annos talvez) que não sabemos se tem ou não mãe. Se tem, a pobre mãe ignora talvez que a creança é maltratada.

França Borges confiou-o á amante, a Emilia d'Oliveira, actriz do D. Amelia, e essa mulher maltrata horrivelmente o pobre innocentinho, como todos os que assistem aos ensaios vêem. Anda sempre com a creança por toda a parte, mas bate-lhe, puxa-o, martyriza o pobre innocente sem mãe!

Já uma alma caridosa prevenin França Borges dos maus tratos da megera. Elle não fez caso. Que homem! Que pae!

Por amor d'uma creança, recorremos a este meio bem anthipatico na verdade: o anonymo! Mas se nos nomeassemos, de que serviria? Mulheres sem força, limitamo-nos, por compaixão, a pedir a V., que dispõe de intelligencia, d'um jornal, é que é justo, queira tomar a defesa d'uma creança martyr.

Pelo que o bemdirão e muito gratas lhe ficarão duas suas leitoras e admiradoras.

Não era uma invenção, nem um facto novo. Era um facto real que já nos tinha sido denunciado. Sobre o qual já haviamos procedido a averiguações. Que já tinhamos referido e estigmatisado, embora as signatarias o ignorassem. E tanto feria elle o coração sensivel da mulher, e de toda a gente que o conhecia, que as auctoras da carta, em termos que demonstram bem a ternura da sua alma, voltavam, em 23 de janeiro:

Infinitamente lhe agradecemos e o felicitamos por ter tomado a defesa da creancinha martyr, filha do Franca Borges. Deus permitta que aquelle mau pae, ao menos pelo receio do escandalo, já que não tem coração, livre o pequenino da fera a quem o confiou. Como vimos, já V. ha dois mezes se occupava do pobre innocente. Elle, coitadinho, bem precisava de um defensor, que só em V. encontrou. Os mais... ninguem se atrevia, nem mesmo o visconde de S. Luiz de Braga que tinha o remedio tal facil, pois se passavam bastantes scenas no seu theatro. Aquelles ensaios tornaram-se um supplicio para quem tinha algum coração.

Bem sabiamos que V. seria prompto em soccorrer um desventurado. Se todos os homens fossem assim!...

Todas as venturas lhe desejam as duas gratas leitoras admiradoras que para sempre o bemdirão.

Este é o miseravel que fala á Europa e ao mundo, a proposito do assassinato do rei de Portugal e de seu filho, em justiça, em amor, em liberdade, e em fraternidade!

Este é o miseravel que tem a audacia de se dirigir, como *homem de bem*, aos... homens de bem de toda a parte.

Mas quem é o outro? Quem é Cunha e Costa? Ides sabe-lo. E, sabendo-o, sabereis, a par, quem são todos os que se tornaram, com elles, solidarios. Esses dois homens são uma synthese. São a definição de quantos praticam a infamia de os glorificar. De quantos não teem dignidade para os repellir, para os fulminar. São a expressão moral, eloquente, nitida, do partido republicano portuguez. *Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és.*

José Soares da Cunha e Costa começou por ser republicano *quando toda a gente admittia a possibilidade d'uma revolução republicana.* Deixou de o ser, *quando se perdia a esperança para toda a gente de republica em Portugal.*

José Soares da Cunha e Costa, *como quasi todos os republicanos portuguezes*, só era democrata e só era patriota *para explorar a democracia e a patria.* Por isso dizia n'um jantar republicano, realisado em 1890, em Aveiro: "Desenganemo-nos, meus senhores, ou a republica vem no praso de dois annos, ou vamos *governar a nossa vida*, que não temos mais de que tratar."

De facto, agarrado ao torrão natal, emquanto lhe parecia haver filão republicano a explorar, abandonou-o immediatamente, logo que isto lhe pareceu terreno secco ou exhausto. E de tal forma, e tão terminantemente resolvido a não voltar, que nem um beijo d'amor mandou aos filhos, na despedida, ou uma palavra de piedade á mãe d'essas creanças, sua esposa dedicadissima e honesta. Foi-se, como um malvado. Não já como um especulador, não já como um cigano, mas como um malvado. Não já como uma fera, que nas feras existe, ao menos, o sentimento da paternidade. Mas como um malvado. Mas como um desnaturado.

O miseravel, que fala, como o outro, em justiça, em amor, em liberdade, em fraternidade! O miseravel, que, sem um remorso, sem um toque de coração, deixava os filhos entregues aos baldões da sorte, ás contingencias do destino, á miseria, talvez á morte! Sem uma palavra d'amor! Sem um adeus de saudade!

Foi-se, abalou, como um cynico, como um malvado. Morta a esperança de republica, que lhe restava n'esta patria? Que lhe restava, se a sua unica ambição era o dinheiro, se o seu unico prazer era o dos gosos materiaes? Que lhe importava a familia? Que lhe importava a democracia? Que lhe importava a patria? Com a mesma dureza, com que voltou costas á familia, voltou costas á democracia e á patria. Ligado a uma prostituta, já d'aqui foi com ella constituindo outra familia. E chegado ao Brazil, fez logo do Brazil a sua patria. Acceitou um emprego do governo brazileiro, sem licença do governo portuguez, o que importava o abandono da sua nacionalidade.

Brazileiro e funccionario, naturalmente procurou explorar a republica brazileira. Mas não foi feliz na exploração. Não hesitou! Voltaria a ser portuguez. Nem em Portugal nem no Brazil tinha tirado proveitos assignalados? Já tinha sido portuguez e já tinha sido brazileiro. Seria republicano e seria monarchico. Alternadamente portuguez e brazileiro. Alternadamente republicano e monarchico. A colonia portugueza no Brazil era conservadora, era monarchica. Seria conservador para explorar a colonia portugueza. Seria monarchico. E foi conservador! E foi monarchico! E declarou-se, n'uma conferencia publica, desiludido da forma republicana em Portugal! E pediu e obteve o logar de vice-consul de Sua Magestade Fidelissima em Santos, Estado de S. Paulo! E pediu, por intermedio de seu pae, sendo presidente do conselho José Luciano de Castro, a commenda da Conceição, nota de recommendação e de respeito para a colonia portugueza, *conservadora* e *monarchica!*

O miseravel! D'elle dizia o jornalista brazileiro Olympio Lima, e muito bem, no jornal *Tribuna do Povo*, que se publicava em Santos, de 19 de maio de 1908:

Cunha e Costa não é brazileiro nem portuguez, nem monarchista nem republicano *ou é todas essas coisas ao mesmo tempo.* Por nomeação do governo de Minas foi professor de agronomia e, segundo me consta, occupou em S. Paulo um cargo que, pelo aviso de 7-10-1828 e disposições posteriores, *só pode ser exercido por brazileiro.*

E' portanto brazileiro o dr. Cunha e Costa, mas acceitando um cargo de um governo extrangeiro *perde esse caracter em face do titulo IV da constituição federal*, letra b do paragrapho 2.º do artigo 71, que diz claramente, perder as qualidades de cidadão brazileiro, o que acceitar emprego estrangeiro, sem licença do poder executivo federal.

Cunha e Costa procurou, pois, explorar o sentimento republicano do Brazil quando pôz o pé em terra brazileira. Além d'outros processos que poz em pratica, fez imprimir e publicar uma brochura intitulada: *Lucta civil brazileira e o sebastianismo portuguez no Brazil.* A proposito d'essa brochura diziam dois benemeritos portuguezes residentes em Santos, dr. Manuel Homem de Bittencourt, nosso consul n'aquella cidade, e Antonio Dias de Mirandeira, em carta publicada pelo *Povo de Aveiro* de 17 d'outubro do anno findo:

Como se sabe, elle escreveu aquelle livro para adular a situação politica dominante então no Brazil, para assim ver se era possivel explorar em sinecuras o governo do Brazil, já que o da sua terra lh'o não consentia. Diz-se até que elle procurava elementos para derribar a monarchia portugueza, junto do governo brazileiro d'aquelle tempo e que o marechal Floriano lh'os promettera segundo uns, lh'os negara segundo outros; positivamente, nada se sabe aqui a tal respeito.

O já citado jornalista Olympio Lima, confrontando a brochura com a nomeação de Cunha e Costa para consul de Portugal em Santos, e com as declarações de apostasia com que o bandido a fazia, a esta nomeação, acompanhar, escrevia no referido jornal *Tribuna do Povo*, de 20 de maio do já citado anno de 1908:

Que decepção para mim! O apedrejador da realeza é hoje... representante de S. M. Fidelissima!

Beija a mão que hontem mordeu! Ajoelha... o homem que procurou reduzir Floriano Peixoto, mendigando-lhe concurso para abolir o throno portuguez!... *Não é um homem, é um alçapão. O estomago n'elle tem a força de uma virtude primacial, afina-lhe o criterio e sobrepuja-o ás suas brutaes exigencias!*

Em 29 do mesmo mez e anno, continuava Olympio Lima:

Quero falar da conferencia que o sr. Cunha e Costa pretende fazer (como consul—nota de quem escreve estas linhas) para expor o seu programma. Programma de quê? O seu papel de consul retringe-se a seguir as determinações que lhe são feitas, obedecendo ao *mot d'ordre* da politica em exercicio... Cuspiu na face de D. Carlos e hoje beija-lhe o tacão dos cothurnos, jactando-se—o homem é jactante—de seu representante,

A colonia portugueza levantou-se em peso contra a nomeação de Cunha e Costa para o consulado de Santos. Uma representação—que corre impressa—com mais de 500 assignaturas, foi dirigida ao consul geral de Portugal protestando contra a vergonha que representava essa nomeação. Taes eram os crimes, as indignidades publicas do bandido!

A colonia reuniu-se. E a resolução tomada foi tudo quanto de mais affrontoso pode ser dirigido contra um homem. Vejamos o que um portuguez escrevia em carta enviada ao *Povo de Aveiro* e aqui publicada em 5 de setembro do anno findo.

... Foi para S. Paulo. De lá seguiu para Santos. Alli conseguiu ser nomeado vice-consul de Portugal. Conhecida, porem, a sua biographia, a colonia portugueza reuniu, estava eu presente, e *foi resolvido, como desprezo por semelhante creatura,* **entregar a direcção dos negocios portuguezes ao consul hespanhol na mesma cidade!**

Que vergonha! Que vergonha! E é este homem um dos mais altos representantes do partido republicano em Portugal! E é este homem quem, em nome do mesmo partido, e a fingir de *homem de bem*, se dirige aos *homens de bem de todos os paizes* para lhes dizer... que foi bem morto o rei D. Carlos e Luiz Filippe, o principe real!

Em 2 de dezembro de 1898 entrava em Santos o *Adamastor*, da marinha de guerra portugueza. O que então se passou, e já referimos n'este jornal, é espantoso. Não o repetimos, para não alongar mais este artigo. Está tudo descripto n'essa famosa carta que o *Povo de Aveiro* em 17 d'outubro findo publicou, carta assignada pelo dr. Manuel Homem de Bittencourt, cavalheiro da maior respeitabilidade e com enorme prestigio entre todos os portuguezes do Brazil, e Antonio Dias de Mirandeira, inatacavel na sua probidade de cidadão e na sua honra de negociante. Não o repetimos. Basta dizer-se que o consul de Portugal se aproveitou d'uma festa em honra da marinha de guerra portugueza, e em beneficio das creancinhas da *Associação protectora da infancia desvalida*, para roubar... como um gatuno. Sim, como um gatuno! Como um porco gatuno! Como um ordinarissimo gatuno! Com a vileza, com a baixeza, com a porcaria d'um gatuno! Nem ao menos roubou como um ladrão habil! Como um ladrão fino!

Os preços dos logares do theatro, onde se realisou o sarau litterario, foram elevados. Os camarotes, que custavam usualmente 25$000 réis, custaram n'esse dia 50$000 réis. Os bilhetes da plateia, em proporção. Enchente, á cunha. Cincoenta cadeiras, a mais da lotação do theatro, que chegaram á pressa da casa Vinholes, foram occupadas immediatamente. Trezentas pessôas, por já não terem logares, ficaram em pé. Apesar dos preços terem sido duplicados, muita gente ainda deu, generosamente, o dobro dos preços marcados. Assim, quasi todos os camarotes foram pagos a cem mil réis. Os proprios marinheiros, em honra de quem era dada a festa, bizarramente, n'um rasgo gentil de paternal affecto pelos orphãosinhos, deram 300$000 réis pelos logares que occuparam. Pois bem. Rendendo o theatro, normalmente, tres contos de réis, Cunha e Costa, n'esse dia, só apurou 1.385$000 réis! Com metade dos preços, sem nenhum dos rasgos de generosidade que se deram n'esse dia, sem excesso d'expectadores, o *Centro Portuguez de Santos* tinha apurado, pouco antes, n'uma festa analoga, para cima de tres contos de réis. O prestidigitador Amarante, n'uma festa sua, apurou, elle só, 2.400$000 réis. Cunha e Costa, mancommunado com outro bandido, de nome João Luso, apurou, apenas, n'essa festa extraordinaria, 1.385$000 réis!

Assim honrava elle a marinha de guerra portugueza, cujas glorias, para a chamar ao seu partido, apregoa no *Mundo*, o miseravel a toda a hora! O miseravel!

Assim mostrava elle, o bandido que do alto das columnas do orgão official da prostituição republicana em Portugal fala a cada instante em *amor*, em *fraternidade*, em *carinho*, assim mostrava elle o seu amor, o seu affecto, a sua solicitude, o seu carinho, pelos orphãositos desgraçados. O mesmo amor, o mesmo affecto, a mesma solicitude, o mesmo carinho que França Borges tem pelo filho, entregue aos *cuidados maternaes* da megera Emilia d'Oliveira! O mesmo amor, o mesmo affecto, a mesma solicitude, o mesmo carinho que com o tartufo Cunha e Costa, o depravado, o cynico, ia para o Brazil, sem deixar, sequer, uma palavra de generosa piedade a sua esposa, um adeus de saudade a seus filhos, que ficaram entregues, todos, aqui, n'esta terra d'Aveiro, á mais triste solidão e á mais negra miseria. Sem um boccado de pão para comer. Teriam morrido de fome, os miseros, sem o caridoso auxilio de amigos e parentes!

E' esse o bandido que o partido republicano exalta e glorifica! E' esse o bandido que o partido republicano delega para falar, como *homem de bem*, aos **homens de bem de todos os paizes!**

Partido ignobil, partido infame! Tanto mais ignobil, tanto mais infame quanto é certo estar cheio de bandidos do mesmo valor, da mesma cathegoria, da mesma raça!

E' esse o partido que hasteia em Portugal a bandeira da moralidade... e da justiça! E' esse o partido que chamava ladrão... ao rei D. Carlos! E que acha que foi bem morto, como ladrão e immoral, o rei D. Carlos e seu filho!

Partido ignobil! Partido infame!

E no proximo domingo concluiremos.

Desde já promettemos aos leitores que a execução do partido republicano será, mais uma vez, *formal e completa*. Queremos analysar, queremos commentar, a *fala celebre* do *homem de bem*, e do partido republicano que elle representa, *aos homens de bem de todos os paizes.* Este artigo já vae longo e nós queremos dizer tudo. Não somos homem de meias palavras. Não somos homem de meios processos. As nossas obras são completas. Os nossos processos são radicaes. Decisivos. Summarios.

Esperem os leitores pelo proximo domingo. Domingo concluiremos. E se ha n'este paiz patriotas, que se juntem, que façam uma subscripção, que mandem traduzir estes artigos em francez, inglez e allemão, que os espalhem na Europa, na America, no mundo, e terão dado a resposta necessaria aos bandidos que ainda n'este instante usam de todas as manigancias e torpezas para embaraçar, na questão do regicidio, afivelada a mascara da democracia e do patriotismo, a acção severa da justiça e a luz radiante da verdade.

Miseraveis! Miseraveis!

Bandidos

Continuam elles, na sua faina d'enredar, de perturbar, de lançar poeira nos olhos dos outros, n'uma palavra: *d'intrujar*.

Mas para quê? Então o matador de D. Carlos não foi exclusivamente o Costa? Então o matador do principe real não foi exclusivamente o Buissa?

Se foi, o que temeis? No dia da proclamação da republica já sabemos que serão desenterrados os restos do pobre policia, morto na redacção do *Portugal*, para n'elles se cevar... a vingança popular. Mas correm, porventura, egual risco os ossos do Costa e os ossos do Buissa?

Ninguem vae enforcar o cadaver do Costa. Nem mette-lo na Penitenciaria. Ninguem vae enforcar nem metter na Penitenciaria o cadaver do Buissa. Ninguem, na monarchia, vae seguir o conselho que esse pulha, chamado Marinha de Campos, deu, em relação ao supposto matador do pobre Sabino, com os matadores do infeliz rei e de seu infeliz filho, o principe real.

Ha dias, no tribunal de Aveiro, um bebedo, que dá pelo nome de Carlos Amaro, bebedo authentico e não agora por effeito de injuria ou de rhetorica, inflammava-se em colera contra a maldade do director do *Povo de Aveiro*. Malvado! Nós somos um malvado! Nós somos um malvado porque aconselhamos os homens d'ordem a que repillam a tiro a canalha! Porque dizemos aos patriotas que tratem a cacete, unico castigo efficaz, os bandidos politicos, os quadrilheiros infames!

Mas os miseraveis, que ha dois annos tripudiam sobre o cadaver do rei e de seu filho, são perolas de bondade! Mas os miseraveis, que tratam os mortos com o mesmo rancor com que tratam os vivos de quem se declaram ligadaes inimigos, são corações de pomba! Mas os miseraveis, que ha mais de dois annos incitam as turbas ao assassinato d'um homem, João Franco, que só commetteu o crime de ser com elles d'uma lenidade louca, são sacrarios de ternura!

A ternura, a doçura, a bondade, o amor, o espirito de paz, de fraternidade d'estes bandidos vae até ao ponto d'um malandro, d'um pulha, que veste a farda d'official do exercito, o covardissimo bandalho que se chama Marinha de Campos, cobrir de doestos e d'injurias o cadaver d'um pobre policia morto por desastre e ameaçar com o revolver dos seus ossos no dia do triumpho da republica. O bandalho! O covarde! O immundo latrinario!

E são estes bandidos que ousam falar em paz, em fraternidade, em solidariedade, em amôr! E são estes bandidos que se atrevem a chamar-nos, a nós, malvado!

Mas vamos lá ao seguimento d'este artigo: está ou não está morto o Costa? Está ou não está morto o Buissa?

Foram ou não foram o Costa e o Buissa os exclusivos assassinos do principe real e de D. Carlos?

São unicos, os miseraveis! Eu não sei que mais admirar n'este paiz: se a imbecilidade dos que se dizem republicanos, se a imbecilidade dos que se dizem seus adversarios. Sendo os republicanos tudo quanto ha de mais illogico, de mais insensato, de mais disparatado, de mais estrambolico, como conseguiram impor-se, como conseguiram dominar? Como? Que estranho phenomeno é esse?

Porque a verdade é que se teem imposto, é que teem dominado, e, nos ultimos annos, como senhores absolutos.

Que extranho phenomeno, que extranho facto é esse?

Tudo imbecis! Não vejo senão apregoar talentos. O mais repugnante elogio mutuo que tem apparecido no mundo. O mais descarado e ultrajante reclamo de que ha memoria em povos civilisados. Elogio, reclamo, bem demonstrativos da degradação, da inferioridade intellectual e moral que nos caracterisa ha muitos annos.

Tudo imbecis! Não vejo senão apregoar talentos e não vejo senão imbecis! Com honrosas, mas rarissimas excepções.

Comicos! Fundamentalmente comicos! Em tudo e por tudo!

Vamos lá: foi ou não foi o Buissa o unico assassino, com o seu collega Costa, do principe real e de D. Carlos? Os republicanos, os dissidentes teem insistido sempre n'isso, desde o principio. *Encerrem o processo do regicidio*, clamam incessantemente. *Acabem com isso, que não houve outros matadores senão o Buissa e o Costa.*

Mas então, a que vem, porque vem tamanha guerra ao juiz d'instrucção criminal?

São soberbos!

O Buissa já está morto. O Costa já está morto. O Buissa e o Costa já não vão para o Limoeiro, Penitenciaria ou degredo. Nem sequer se lhes fará o que a republica, segundo o bandalhissimo e covardissimo Marinha de Campos, reserva para o infeliz policia que passa por supposto assassino do

desventurado Sabino. Então deixem fazer a prova clara de que são esses os unicos assassinos. Quem perde com isso? Então deixem afundar o dr. Antonio Emilio em ridiculo, se isso o conduz ao ridiculo.

São soberbos!

Então não ha outros assassinos e incommodam-se tanto com o facto de se procurarem outros assassinos? Então o dr. Antonio Emilio afunda-se em ridiculo e sentem-se tão colericos por o dr. Antonio Emilio se estar afundando em ridiculo?

Não ha outros! São unicos!

Não ha associações secretas, dizem elles. De nada valem, se as ha, as associações secretas. O dr. Antonio Emilio está doido com a sua mania das associações secretas. Mas então, riam-se. Limitem-se a isso, a rir-se. Deixem lá o dr. Antonio Euilio, que o seu desastre, a breve trecho, é inevitavel, formidavel, estrondoso. Pois incommodam-se com isso?

Tanto se incommodaram, que fizeram a demonstração contraria. Tanto berraram que não havia outros assassinos, que, só com isso, provaram *que havia outros assassinos*. Se alguem teve duvidas, já ninguem hoje duvida. *Provaram* que havia outros assassinos, e provaram que conhecem esses assassinos. *Provaram* que havia outros assassinos, que conhecem outros assassinos e que entre elles proprios *estão alguns d'esses assassinos*!

Não ha duvidas! Se alguem teve duvidas, já não tem duvidas.

Tanto se quizeram esforçar por demonstrar que a morte de Nunes Pedro não era resultado d'um crime, que acabaram por demonstrar, sem outras provas, sem mais nada, que a morte de Nunes Pedro resultou d'um crime. Só d'um crime!

Tanto quizeram demonstrar que não havia associações secretas, que acabaram por demonstrar que as havia. E não só que as havia. Que eram verdadeiros valhacoitos de bandidos.

Tanto quizeram demonstrar a inutilidade do juizo d'instrucção criminal, e a doidice do dr. Antonio Emilio, que acabaram por demonstrar a necessidade imprescindivel do juizo de instrucção criminal e que o dr. Antonio Emilio, por ser um homem atilado, era, precisamente, o homem que convinha.

Imbecis! Supinamente imbecis!

Foram elles que aclararam a situação. Foram elles que levaram a lucidez e a convicção a todos os espiritos. Foram elles que dissiparam sombras, que desfizeram duvidas.

Quem matou o rei? Quem matou seu filho? Só o Costa? Só o Buissa? Não, responde hoje, sem hesitar, a consciencia publica.

Quem mais? Quem são os cumplices? Quem são os outros assassinos? Os filhos do Ribeira Brava? O João Pinto dos Santos? O Alberto Navarro? O Alpoim? O Grandella? Falta precisar esse ponto. Só isso! Mas, fosse quem fosse, outra certeza está adquirida: foi gente do *Mundo* e do *Dia*. Esta é outra certeza adquirida!

Quem matou o Nunes Pedro? Só o Guimarães? Só os cumplices do Guimarães, já descobertos? Não, responde sem hesitar a consciencia publica.

Quem mais? Não sabemos. Mas gente do *Mundo*, com certeza! Republicanos, em geral. Gente do *Mundo*, em especial! Outra certeza adquirida.

Existiam associações secretas? Existiam. Já não ha duvidas nenhumas. Eram alfurjas, onde se planeavam os maiores crimes? Já não ha duvidas nenhumas. Escusam elles de chamar doido ao dr. Antonio Emilio. Escusam elles de dirigir falinhas mansas e hypocritas aos *homens de bem de todos os paizes*. Manhas escusadas. Manigancias inuteis.

Ha um facto, acima de todos, provado. Ha um facto, acima de todos, incontestado. Já provado. Já incontestado. O partido republicano é um partido d'assassinos. O partido dissidente é um partido d'assassinos. Pelo menos, esses. Os que n'esses partidos não praticam directamente o assassinio, animam ao assassinio e protegem assassinos.

Pois então, bem. N'um povo livre, n'um povo civilisado, n'um povo honesto, não ha logar para assassinos. Um povo livre, um povo civilisado, um povo honesto, não alimenta, não engrandece, não exalta assassinos, nem protectores d'assassinos. Não ha forca? E' pena. Mas ha Penitenciaria. E' preciso encontrar, dê por onde der, os assassinos e metter os assassinos na Penitenciaria. E é preciso anniquilar, d'uma vez para sempre, os protectores dos assassinos, os quadrilheiros politicos infamissimos que só vivem do roubo, do assassinato, do peculato, emfim, do crime.

Avante, dr. Antonio Emilio. Avante. Nada receie. Nós somos um orgão importante, o unico authentico, da opinião publica, da verdadeira opinião publica portugueza. Ainda ha opinião publica em Portugal, o que equivale a dizer... ainda ha juizes em Berlim.

Avante, dr. Antonio Emilio. Nós sentimos a opinião publica a apoiar-nos. Avante, que ainda ha... juizes em Berlim.

Avante!

Descanço semanal

Procurou-nos uma commissão de caixeiros d'Aveiro a pedir-nos para advogarmos a sua causa n'este semanario. Quando chegaram estava o numero de hoje quasi completo. Por isso pouco podemos escrever. Comtudo sempre diremos que é justissima a questão dos caixeiros. Fomos sempre partidario do descanso semanal. Sempre o advogámos n'este periodico. Queriamolo, mesmo, mais completo, e com maiores garantias do que João Franco o creou. Mas, do mal o menos. Completo ou incompleto, com muitas ou poucas garantias, existe na lei. Cumpra-se a lei.

E' um direito justissimo. Respeite-se este direito.

Em Aveiro já os caixeiros estão prejudicados e não é pouco. Ao principio o seu descanso foi do meio dia de domingo ao meio dia de segunda feira. Ultimamente, teem descançado só a tarde de domingo.

As lojas teem fechado no domingo ao meio dia mas teem aberto na segunda feira logo de manhã. Alguns patrões, porem, reagem contra esse proprio descanço, já tão reduzido, e não querem fechar as lojas ao domingo ao meio dia.

Não pode ser. Isso fica mal a esses patrões. Creiam. Fica-lhes mal. O que é justo, é justo. Justiça acima de tudo. Os caixeiros teem razão. Os patrões que lhes regateiam meio dia de descanço collocam-se mal perante a consciencia publica. Que sejam elles os primeiros a reconhece-lo. Sinceramente: para honra de todos o desejamos. Mas se forem inaccessiveis á razão e á justiça, então... tem a palavra a auctoridade publica.

Ella que fale e que proceda.

E muito desejaremos que não seja preciso voltar a este assumpto.

Fundo de propaganda

Como se verá pelos documentos abaixo publicados e por muitos outros que, por falta d'espaço, hoje não podemos publicar, vae achando caloroso apoio a idéa de se crear um *fundo de propaganda*, a fim de tornar o combate contra as quadrilhas mais efficaz.

Pelo nosso lado, pouco temos a accrescentar ao que dissemos.

Não sabemos se a quadrilha republicana porá ou não porá em pratica o seu plano contra nós. Se porá, temos a certeza absoluta de que não nos faltarão recursos monetarios. E' claro que, embora vingue, como pode vingar, a idéa do fundo de propaganda, nós em caso algum recorremos a elle emquanto podermos luctar com os nossos recursos proprios. *O Povo de Aveiro* não é um jornal qualquer. E' um grande jornal. Com uma grande tiragem. Portanto, não fica abalado com as despesas d'um, dois, tres ou quatro processos judiciaes. E como nunca olhámos a interesses materiaes, como toda a vida temos dado provas de desprendimento e abnegação, só acceitaremos o auxilio publico e só recorreremos a elle, quando, de todo, sósinho, não podermos luctar. Então, sim. *O Povo de Aveiro* é hoje uma instituição nacional. O paiz carece d'elle. E muito! Nem nós poderiamos ou deveriamos deixa-lo morrer sem tentar a seu favor todos os recursos honestos, nem a opinião publica, d'isso estamos absolutamente convencido, commetteria o tremendo peccado de nos deixar succumbir ao unico ataque por onde somos vulneravel: o ataque monetario. E' o nosso calcanhar d'Achilles. Attenda-se bem. O unico lado por onde somos vulneravel. Nada nos mette medo. Nada! Coisa alguma nos faz succumbir, desfallecer, desanimar. Nem uma peça d'artilheria assestada contra nós. Avançamos, sem hesitar. Sem hesitar? Com redobrada energia, diremos. Ninguem conhece, já o dissémos e outra vez o dizemos, as reservas d'energia que existem dentro em nós. Aos outros amortece-lhes a energia com a furia do ataque. A nós, redobra-nos. Atacam-nos? Ferem-nos? Podem contar com a mais vigorosa, a mais terrivel resposta. Nada nos faz succumbir. Nada!

Mas sob o ponto de vista moral, é claro. Sob o ponto de vista material, não existindo dentro em nós um filão d'oiro como existe um filão d'energia, não tendo uma mina de dinheiro ás nossas ordens como temos uma intelligencia lucida e uma vontade inquebrantavel, evidentemente em coisas qua exijam dinheiro teremos de cruzar os braços.

Quer-nos sustentar, por esse lado, a opinião publica, se for necessario? Tem homem. Não precisamos de mais nada. Não quer? Então o caso é grave.

Porque outra coisa é preciso notar-se: que vimos dando a este paiz um exemplo que nenhum outro homem publico lhe tem dado. Nós podiamos ter uma alta collocação dentro da monarchia. Ainda n'outro dia o disse, e bem, o sr. dr. Alexandre d'Albuquerque, em pleno tribunal. Nós podiamos ter dentro do partido republicano todas as homenagens e todas as vantagens. Não quizémos. Rejeitámos vantagens, e favores, e homenagens, de republicanos e monarchicos.

Nós podiamos ter vendido esta penna a companhias ou syndicatos. Não quizémos.

Isto é um exemplo que importa muito fazer vingar. Tudo por ahi está vendido. D'uma forma ou d'outra, tudo se tem acorrentado n'esta terra, tudo, os que valem e os que não valem, os deshonestos e os que se dizem honestos, a partidos, facções, companhias ou syndidatos.

Ha muitos annos, muitos! a unica excepção... somos nós. E' este jornal.

Vinga este exemplo? E' uma grande licção, que ha de fructificar. Necessariamente ha de fructificar. Ainda ha outros homens. Mostra eloquentemente que ha apoio sincero e honrado n'este paiz a quem for... sincero e honrado. Não vinga? Então... adeus patria. Portugal não será uma nação, será uma cloaca.

Crente de que é uma nação — ai de nós se perdemos essa crença — estamos absolutamente convencido de que nem pelo lado monetario qualquer ataque traiçoeiro e vil dos republicanos ha de, contra nós, isto é contra o *Povo de Aveiro*, triumphar.

Estamos, por esse lado, absolutamente descançado. E mais uma vez nos rimos da impotencia e da vileza dos miseraveis. E grandes miseraveis! Canalhas, que depois de terem passado pela vergonha de não serem capazes de se defenderem, pela penna, d'um só homem, que não tem outro instrumento, senão a penna, para os castigar, ainda descem á ignominia, á suprema ignominia, de irem, com uma *lei do dictador*, pedir, contra nós, recurso aos tribunaes.

Canalhas! Miseraveis!

Mas, independente de nós, isto é, desnecessario, como suppomos que será, o auxilio monetario do paiz para nos aguentar na lucta contra os quadrilheiros infames, é inutil a creação d'um fundo de propaganda nacional, de propaganda patriotica, moralisadora, educadora e de combate?

Não só o não suppomos inutil, como o reputamos altamente necessario. E' preciso oppor á propaganda dos quadrilheiros uma larga, profunda, intensa e bem ordenada propaganda de verdade. E' o maior serviço que se pode prestar a esta patria.

João Franco não conseguiu, com toda a sua força, e com a força que lhe dava o rei D. Carlos, triumphar das quadrilhas. Pois bem. O que não se conseguiu com a força das armas pode-se conseguir, perfeitamente, com a força da palavra. E aos que duvidarem, basta mostrar-lhes os effeitos assombrosos já hoje tirados da propaganda d'este semanario.

Não é preciso mais nada.

Mas esse será o assumpto d'um artigo immediato.

E' preciso descer até ás camadas populares. O *Povo de Aveiro*, com as suas tradicções democraticas, com a sua origem jacobina, é ainda muito lido pelas camadas populares e pelos elementos revolucionarios. Mas não basta. O *Povo de Aveiro* é mesmo muito mais lido pelas camadas dirigentes do paiz e pelos chamados elementos conservadores do que pelas camadas populares. Ora o que é preciso é diffundir os seus artigos, assimilados, habilmente synthetisados e conjugados, no povo, nas massas profundas, nos elementos agricolas, industriaes e operarios.

E' preciso levar ao extrangeiro a historia das quadrilhas, demonstrar a sua acção funesta n'esta terra, prevenir o grande publico mundial contra as especulações dos bandidos que em proveito proprio exploram esta patria, demonstrar que ha opinião publica n'esta terra e que, mercê d'essa opinião, nos havemos de civilisar, de progredir, emfim, de nos rehabilitar.

Sejamos tão energicos, tão activos, tão persistentes na propaganda da verdade, como, na propaganda da mentira, o tem sido a canalha.

E' a unica maneira de triumphar.

E agradecendo a todos os que já nos trouxeram a sua cooperação em palavras e dinheiro, e d'isto faremos domingo menção particular, completaremos o nosso pensamento no numero seguinte.

—†—

. . . Sr. Director.

Parece-me muito justa a doutrina por V. expendida no artigo Boa idéa! *do* Povo de Aveiro *ultimo, e avaliando os sentimentos dos outros pelos meus, entendo que muitos serão os que não hesitem, perante a gravidade das circumstancias, concorrendo para dotar o valoroso defensor da moralidade politica com os meios indispensaveis á sua brilhantissima propaganda. E affirmo isto tanto mais convencido que, não sendo eu abastado de bens, me acho pela minha parte prompto a fazel-o, por entender que assim se estabelecerá uma solidariedade proficua que dê ao distincto campeão d'aquella moralidade toda a força que lhe é precisa.*

E permitta V, que um dos seus mais obscuros admiradores aqui venha dizer, por intermedio do seu magnifico jornal, que seria um crime de lesa-patria consentir que naufragasse n'esta altura uma empreza a que nenhuma outra na actualidade se eguala. Entre nós, seria preciso remontar até á Revolução de Setembro *do grande Sampaio, para se aquilatar quanto vale o esforço de um jornalista destemido no meio de contrariedades multiplas que de todos os lados o assaltam.*

E depois do grande Sampaio, que é uma legitima gloria patria, e que tão perfeitamente se encarnou no seu tempo com o genio do povo portuguez, eu apontarei ainda um outro summo pontifice do jornalismo francez, de quem o sr. Homem Christo segue rectamente as pisadas e adopta os mesmos gestos, talvez sem o saber. Convem lembral-o, para que todos os seus admiradores fiquem bem convencidos d'isso. Réfiro-me a Henrique Rochefort.

Sabe-se que Rochefort é por assim dizer um encyclopedico, porque atacou variadissimos assumptos como escriptor. Mas como jornalista especialmente, que é o ponto de vista em que aqui o encaramos, foi unico. Activo, mordente, achando sempre a expressão fulminante para os seus adversarios, basta dizer que elle, com o seu pamphleto a Lanterna *contribuiu em boa parte para a queda do segundo imperio. Ora, Rochefort disse elle proprio de si o seguinte que é bem frisante para o fim de que aqui nos occupamos. Escreveu elle:*

Fundei a Lanterna *unicamente para reservar para mim uma folha de papel em que pudesse espraiar-me á vontade e devanear livre de receios e fiscalisações. Contava apenas com uma tiragem de cinco a seis mil exemplares, e tinha-me arranjado para viver dentro d'essa conta sem muitas humilhações e sem muitas dividas. E' por culpa minha se as inadvertencias e as tolices de alguns funccionarios que se julgam homens politicos fizeram elevar a minha tiragem a cem mil e mais? A* Lanterna *era para mim um refugio. Tornou-se com effeito, como muitas vezes se tem repetido: "um negocio". Mas só um pezar me restaria e é que as pessoas honestas pudessem imaginar que eu sou homem capaz de explorar a minha opposição como uma industria. Fiquem certos de que se um dia fôr preciso sacrificar A* Lanterna, *dinheiro e futuro, eu não pouparei nem o meu jornal nem a mim proprio.„*

Confrontem esta apologia que de si proprio faz o auctor de A Lanterna *com o que se tem passado com o heroico director do* Povo de Aveiro, *e digam se a parecença é ou não flagrante. Pois se aquelle acolá venceu, é preciso que a este aconteça o mesmo. E ha de acontecer porque a verdade é só uma e sempre egual em toda a parte, seja qual fôr a lingua dos povos desde Portugal até ao Japão.*

Está demonstrado que jornalista temos nós, para cumprir a honrosa missão á qual com raro denodo se abalançou, e a nós todos como interessados, reconhecido o seu valor e os seus meritos, pertence o encargo indefectivel de prestar-lhe o auxilio que reclamar e incutir-lhe coragem para que nunca possa desanimar.

Pesar é (e grande!) que não tenhamos um estadista como o actual presidente do conselho de ministros da Russia, o sr. Stolypine. Verdadeiro homem de estado lhe chama um jornal republicano francez, e com effeito é ver como elle tem procedido depois d'aquelle horroroso attentado de que esteve para ser victima ha tres annos e meio no palacio que habitava em S. Petersburgo. Parte do edificio destruido por uma explosão criminosa, muitos mortos e feridos, sua filha, uma encantadora creança, com ambas as pernas traçadas, elle proprio ferido, tudo visões horriveis que n'aquelles instantes pavorosos deveram impressionar profundamente o illustre homem de estado.

Pois não obstante essa tragica catastrophe, o sr. Stolypine ficou firme no seu posto, fazendo assim brilhar a sua admiravel coragem, para mais tarde em plena sessão da segunda Duma poder dizer aos inimigos da ordem publica: "Não temos medo de vós!"

Esta attitude pinta bem o homem que é o ministro do tzar: a energia personificada, junta a uma vontade de ferro. Assim, póde elle tambem dizer ha pouco ao jornalista francez que o entrevistava: — "Vêde com os vossos olhos como este paiz gosa actualmente d'uma tranquillidade absoluta, e a segurança é tão perfeita que o povo russo não cuida senão em trabalhar em paz e melhorar as suas condições de vida."

Dizer-se isto a respeito da Russia que ainda ha poucos annos parecia afundar-se na voragem da mais feroz anarchia, até parece um sonho e um cumulo!

N'essa parte temos sido nós muito infelizes. Sim. Chegou a imaginar-se que João Franco representaria o papel que está realisando n'outro extremo da Europa o ministro Stolypine. Assim o acreditavam aqui no Porto os seus adeptos que eram talvez em maior numero do que á primeira vista se poderia suppor. Mas os calculos falharam, e falharam porque decididamente João Franco não tinha aquella coragem que põe um homem em superioridade aos cataclysmos por mais destruidores que se offereçam á vista. Podiamos aqui citar muitos exemplos e alguns até da historia patria. Mas o que lá vae, não tem remedio.

Quando presenceámos aqui no Porto a sahida de João Franco da estação de S. Bento, por occasião da sua memorarel visita a esta cidade, cahiu-nos o coração aos pés. Nunca nos persuadiramos que um presidente do conselho, tendo na sua mão o melhor da auctoridade, se deixasse a um tal ponto enxovalhar pela canalha.

E não eramos só nós que n'aquelle momento assim pensavamos. Junto de nós um cavalheiro, impassivel, hirto e forte, com uma tez de rosto crestada de raios solares que bem se via que não eram do nosso clima, soltou estas palavras:

Isto, se fosse na minha terra, a cavallaria varria já n'um instante toda aquella canalha que está ali amontoada ás portas da estação.

— E qual é a terra do meu caro senhor? ousei eu perguntar.

— Sou pernambucano, brazileiro nato.

Vê-se que este comprehendia bem melhor a situação do que todos os aguas-mornas que ali governavam. E o caso é que João Franco deixou-se voluntariamente apupar, assobiar e escorraçar pela frandulagem que seguia o seu carro a galope pela rua de Santo Antonio fóra atá á residencia do conselheiro Novaes.

O resultado d'esta e doutras cobardias viu-se depois. E havia quem lhe chamasse dictador!

Desenganem-se de que com taes preparos e transigencias, por tal forma humilhantes, não ha monarchias nem republicas que resistam.

Porto, 28 — 2 — 910.

M. C.

—

. . . Sr. Director.

No ultimo numero do seu tão querido jornal, por feliz alvitre de um dos seus numerosissimos leitores, falla V. nos maravilhosos resultados que se poderiam tirar de um fundo de propaganda, *que aquelle seu leitor propõe se organise com o unico intuito de tornar ainda mais larga e contundente a temerosa campanha que o* Povo de Aveiro *está movendo contra as quadrilhas politicas.*

Plenamente de accordo: a ideia não é só boa, como V. diz, é tambem de urgente necessidade leva-la immediatameute á pratica.

Mais: esse fundo deve, no meu entender, denominar-se — Fundo de propaganda "porrada e agua á jarra„

Ficaria por esta forma consagrada uma das phrases de maior contundencia do seu jornal de combate — e sem duvida a que se tornou mais popular, no decorrer de toda a sua formidanda campanha contra as quadrilhas e quadrilheiros de varias côres e feitios. E' uma phrase genuinamente portugueza e que reflete admiravelmente o fim que se tem em vista

A criação d'esse fundo de propaganda, *uma vez que V. o tente, terá, tenha a certeza d'isso, um verdadeiro successo nacional.*

Elabore, pois, o programma, e mãos á obra . . .

Convença-se d'isto: V. tem amigos dedicadissimos e muito numerosos em todo o paiz, que o auxiliarão com todo o enthusiasmo, com toda a alma e coração, até final! E — note — já não se contentam com o auxiliar cada um por seu lado, isoladamente . . .

Agrupam-se, agrupam-se para melhor poderem exercer a sua acção . . . Ouve-se dizer por toda a parte que V. "é um dos sentenciados á pena ultima„ pela quadrilha mais feroz — a republicana.

Não se assuste: elles bem sabem que se tal succedesse, um levantamento geral se produziria em todo o paiz que irremediavelmente os esmagaria.

Ah! se não fosse a certeza *que elles teem disso — onde V. já estaria a esta hora! Em alguma chaminé.*

Não lhe mexem, pode estar tranquillo. Os seus amigos vigiam e . . . agrupam-se por toda a parte. . .

Elles que lhe mexam . . .

Coimbra, 28 — 2 — 910.

A. A.

Caricaturas

Parece que André Reis ficou muito *escamado* com a historia do cachimbo queimado. E rimou! André Reis é poeta, sabe-se. Pois basta a gente falar em cachimbo para logo... rimar.

Ora fique amigo André Reis sabendo que não tivemos intenção nenhuma, mesmo nenhuma, de o melindrar. Olhámos para o lado, no tribunal, e vimos uma cabeça que nos trouxe á memoria qualquer figura conhecida, mas já esbatida, de que vagamente nos recordavamos. E perguntámos a nós proprio: quem é?

Sabe André Reis, sabe todo o mundo n'esta cidade, que nós não conhecemos quasi ninguem em Aveiro. Nem mesmo a grande maioria das pessoas com quem tivemos algum conhecimento na nossa mocidade. O tempo alterou-lhes o aspecto. O tempo... a edade... nunca mais privámos com ellas...

Quem é? tornámos a interrogar-nos.

Agitaram-se visões no nosso espirito.

De repente lembrámo-nos. E' um cachimbo de Genebra!

Foi uma das coisas que mais attrahiu as nossas attenções em Genebra: a enorme quantidade de cachimbos que se accumulavam nas vitrines de varias lojas. Alguns muito bem trabalhados. E carissimos. Vimos-los lá de duzentos francos e mais. Ora aquella cabeça, que olhámos de perfil no tribunal, cortada, brocada, com uma bella secção horizontal, por cima, a planifica-la, um buraquinho ao lado, por detraz, para n'elle introduzir o tubo que se segura nos dentes e por onde se aspira o fumo do tabaco queimado, é tal e qual um cachimbo typico de Genebra.

Mas não se desconsole, André: é um cachimbo caro! Depois, com as suas barbas arruivadas, n'aquella côr caracteristica da transicção do loiro para o branco, imposta pela edade, um... cachimbo queimado. Mais precioso! Mais caro! Um cachimbo de bello ambar, bem trabalhado e queimado, é uma preciosidade. Não tem André Reis de que se queixar.

O Termónocu, sim. Não é a coisa melhor da vida dar a impressão, e em irracional, d'um paliteiro das Caldas. E' claro: e não da fabrica do Bordallo. Mas nós não podemos alterar a natureza! Ninguem pode negar que o Termónocu é tal e qual... um vulgarissimo, (em irracional) paliteiro das Caldas. E' ou não é? Termónocu que se aplaque. Nós perguntamos ao publico, o grande critico d'arte: é ou não é? Se é, que culpa temos nós de possuirmos, alem de todos os outros defeitos que nos imputa Termónocu e correligionario, este de dar, por meio da palavra escripta, em duas pennadas, a exacta caricatura dos homens e dos animaes?

E o Maduro? Reparem nas gravuras das *Aventuras de Terra e Mar*. Já viram, por certo. Já leram. Pois a cabeça do Maduro é uma d'aquellas que, victimas da crueldade selvagem, a gente vê, escorridas, á frente das cabanas, espetadas em paus. Dando longes — todas as cabeças mortas se parecem — das cabeças dos pardaes postos ao fumeiro. Dantes a camara municipal d'Aveiro, como as de todo o paiz, comprava cabeças de pardaes. A um tanto por duzia. Os rapazes comiam os pardaes, juntavam as cabeças, enfiadas pelo nariz, n'uma linha, e guardavam-nas ao fumeiro. As pennas espetavam para fóra. Formavam cabelleira. E as cabeças dos pardaes apparentavam formas comicas... e tragicas.

A cabeça do Maduro é isso, em synthese. Cabeça comica... e tragica. Gravura, em edição barata, de *Aventuras de Terra e Mar*. Em *silhouette*, cabeça de pardal com cabelleira.

Muito boas, tambem, as cabeças do Tamanco, do Eduardo de Moura e do Preguiça. A visão do Preguiça, que tambem já não viamos ha muitos annos, admiravel. Admiravel! Mas como elle não quiz depor, deixa-lo lá. O Tamanco depoz honradamente. Mentiu, dizendo que não lia o *Povo de Aveiro*, e pregou-nos a estopada de estar a ler... o que estava farto de ler. Mas... vá lá!

Passa tambem sem caricatura o Eduardo de Moura, aliás modelo de primeira ordem. Tambem se não portou muito mal.

A scena do juramento, sim. Essa é que não escapa. Mas hoje já não ha espaço.

Aquillo foi para nós um verdadeiro theatro. Carito, o espectaculo. Mas lá que gosámos, gosámos.

Como dissémos no ultimo numero, estamos reimprimindo o livro que sobre a revolta do Porto o director d'este jornal publicou em 1891. E' uma edição refundida e muito melhorada. Não podemos então dizer muitas coisas, pela nossa qualidade de militar e pela proximidade do acontecimento. Hoje, que não somos militar, e que os factos vão distantes, diremos tudo.

Não sabemos quando o livro estará prompto. No emtanto, fica aberta a inscripção dos assiguantes do „Povo de Aveiro„, que o quizerem adquirir, até 15 de março. Aos assignantes do "Povo de Aveiro„ custará 700 reis, franco de porte, o que corresponde a pouco mais de 600 reis. Passado o dia 15 de março custará 800 reis, fóra o porte, preço de livraria.

O livro tem valor documental e a vantagem, para os assignantes do "Povo de Aveiro„, de completar a historia das nossas relações com o partido republicano. E tem muita opportunidade, pois é do 31 de Janeiro que data o periodo revolucionario que vamos ainda atravessando. O que se está fazendo para ahi não é, sob todos os aspectos, senão a reproducção do que então se fez. Para se comprehender bem o que se passa, e ter uma noção exacta do actual partido republicano, é indispensavel conhecer, com verdade, *o que então se passou. E* com verdade, *só nós temos escripto sobre o* 31 de Janeiro *e sobre o* partido republicano portuguez.

Isto não é um reclame, pois não nos move nenhum interesse material. O que o livro nos ha de dar, em dinheiro, não ha de ser muito. Só o reeditamos por interesse moral *e por* interesse moral *ahi deixamos essa explicação e essa informação.*

Que o queiram muitos assignantes do "Povo de Aveiro„, que o queiram poucos, é o mesmo.

E tendo recebido esta semana algumas perguntas sobre o livro que promettemos sobre militarismo, *diremos, aproveitando a occasião, e em resposta a todos, para não estar a responder a cada um de per si, que ainda não desistimos de o escrever. Logo que estejamos liberto dos serviços d'administração do "Povo de Aveiro„, o que esperamos succederá dentro d'um mez, tencionamos começar a escrever os livros promettidos, e a publicar uma revista mensal, visto tanta gente nos censurar por termos posto de parte os nossos estudos sociaes. "O Povo de Aveiro„ não pode deixar de manter o seu caracter de combate. E' preciso. Não prestamos com isso menor serviço á educação nacional. Antes é esse, digam os zoilos o que quizerem, o nosso maior serviço. Mas os que preferirem a fórma doutrinaria, encontrarão a forma doutrinaria na revista. Ahi iremos debatendo e estudando, segundo os nossos processos e os nossos recursos, as questões d'interesse nacional e as questões d'interesse universal.*

Ainda hoje, por falta d'espaço, não podemos tratar a questão do pão em Lisboa. Pelo mesmo motivo, retiramos um artigo sobre a Escola Industrial de Aveiro.

Sem falta, no domingo

Arsenal do Exercito

Sr. Redactor.

Não haja duvidas. Ao *Povo de Aveiro* e a V. se deve unicamente a reacção que hoje se está produzindo na parte sensata e intelligente do paiz, contra todas as quadrilhas e contra todos os quadrilheiros.

Ao *Povo de Aveiro* e a V. se deve unicamente a importante obra de saneamento moral que se está operando na sociedade portugueza.

O *Povo de Aveiro* produz o effeito d'uma bomba nihilista no meio das quadrilhas de bandidos e malandros. Dispersa-os. Atemorisa-os.

Odeiam-no e teem-lhe medo.

Covardes! E malandros.

Não haja duvidas, esta é a verdade.

Aqui no Arsenal do Exercito já produziu benefico effeito a publicação dos factos que lhe narrei.

Depois do sr. Inspector Sequeira ter declarado terminantemente, que d'hoje para o futuro nunca mais transigiria com casos d'aquella ordem, para que não lhe chamassem covarde, e os srs. Directores terem mostrado mais energia no manter da ordem e da disciplina entre o operariado, consta-me agora que o sr. Inspector e Directores vão ordenar uma rigorosa syndicancia, para se apurarem responsabilidades nas ladroeiras e falcatruas que lhe apontei.

Não posso garantir a V. a absoluta verdade do caso, porque officialmente nada se sabe.

Em todo caso, não ha senão a louvar a attitude que todos os superiores tomaram na questão.

A confirmar-se a ordem da syndicancia, não temos senão que applaudir o sr. inspector Sequeira, que por essa forma prova não ser por covardia que até agora tem transigido com estes maráus.

O operariado na sua maioria, approva sem reservas a attitude do *Povo de Aveiro*, e confirma as verdades que esse jornal tem publicado.

A outra parte tem *rabiado* por verem assim derrubada a *egrejinha* e o pedestal em que estavam collocados.

Desistiram de ganhar os 50$000 réis para saberem quem era o auctor das cartas, mas planearam *ir-lhe á figura* na primeira occasião.

Teem feito mil planos e conjecturas. E' fulano. E' sicrano. E' beltrano. Ainda não acertaram, os patetas.

Nem ao menos se lembram que n'este, como em muitos outros casos, o loiro esta n'uma parte e na outra se vende o vinho.

Pois seria bom que tivessem isto bem presente, por que evitavam assim commetter alguma das suas muitas proezas, que lhes sahirá muito cara, porque d'esta vez não ficarão impunes.

Devem lembrar-se que o tempo dos

tesos já passou, e que com este que vae correndo, são muito perigosas aventuras d'aquella ordem.

Quer V. saber um caso, que dá bem a medida da *coragem* d'estes tratantes?!

Lembraram-se de escrever cartas anonymas aos indigitados auctores das cartas, ameaçando-os com uma *sova*, caso continuassem a escrever a V. Isto é rigorosamente verdadeiro.

E dizem-se isto anarchistas! Malandros — malandros e covardes, — é que elles são.

E o caso é que são capazes, d'esta forma, de metter algum susto no corpo d'algum dos pobres diabos que elles julgam ser o auctor das cartas, e que afinal não metteram para isso prego nem estopa.

Se ficar só em ameaças, bem vae ella. Mas estes malandros são capazes de, ao voltar d'uma esquina, metterem uma navalha nas tripas d'algum desgraçado que julguem ser este seu criado.

Teem só um recurso os anonymamente ameaçados. Metterem um revolver na algibeira e fazerem constar a estes fajardos, que estão firmemente resolvidos a metterem uma bala no *coirão* do primeiro que pretenda *riscar* com elles.

Podem ficar certos de que ficam assim livres de cuidados e de *navalhadas*.

A mim ainda não me ameaçaram. Mas quando o fizerem já estão prevenidos.

Sobre planos d'ameaças e aggressões mais alguma coisa lhe poderia dizer. Fica para outra occasião, que isto não vae a matar.

De V. etc.

M. R.

Cartas para Aveiro

II

A morte dos deuses

Os astros *cabaneiros* começam a perder as suas tenues fulgurações ante a magestade clara do sol da verdade que desponta em rutilas auroras.

Todos esses falsos apostolos de gôrro phrygio começam agora a mostrar a fealdade monstruosa e cinica dos seus focinhos, em que Linneo classificaria tres raças: Cartuche *magnum*, Harpagão *majoris* e *Pedicula pubis*... Arrancámos-lhes as mascaras, tirámos-lhes os casquetes, rasgámos-lhes as cimarras; puchámos-lhes pelas cuias propheticas, limpámos-lhes os disfarces de óca e vermelhão, para os podermos expôr a toda uma multidão curiosa e indignada, que havia sido o objecto dos seus ludibrios mais das suas burlas: e todos viram então, claramente, com pasmo, Chilons Chilonidas de campainha, charlatães, trapaceiros, palhaços, ribaldos e grilhetas. Alguns, rasgadas as vestes pelo populacho ébrio, refezo de haver erguido plinthos áquelles miseraveis, contorciam-se na lama fusilando odios maus, com perversidade de viboras, ao verem seus dorsos a descoberto, mostrando as tatuagens das galés. Bandoleiros da peor especie. Evoquei esta apostrophe de Dante, no Inferno:

Lobo maldito, cala-te e devora
Comtigo mesmo as raivas n'este instante!

Outros, de joelhos, as mãos postas, supplicavam piedade... que lhe não batessem! Pulhas e covardes! E os que tinham o corpo mordido da lepra? E um que era hermaphrodita? E um bandido que era castrado?

A multidão ria...

Lembram-se do celebre Genovez Marco Tullio de Catizonni, que Portugal sem rei, sem exercito e sem dinheiro — quasi como agora — foi buscar á barra n'um cortejo de náos embandeiradas, julgando ser o tresloucado moço — coveiro de Alcacer-Kibir? E como o aventureiro representava bem o seu papel! E como depois, tambem, o povo que, n'uma hora de angustia, havia conduzido o farçante ao throno vasio em triumphal cortejo, soube rir, alli ao Rocio, quando as chammas do Santo-Officio lambiam o corpo do imbecil que gemia, e tivera o ousio de se fazer passar por D. Sebastião?! Não encontram a semelhança flagrante que com elle tem esse bando de charlatães e palhaços, dentistas e arruaceiros, sem vergonha e sem saber, que durante annos conseguiram impingir dos tablados, entre momices e prestidigitações, pastilhas democraticas manipuladas de vespora, e *ensaiadas ao espelho em locubrações torturantes*, (como confessou o simio Brito Camacho,) a todo um povo ingenuo e simples que hoje ri á bandeiras despregadas, ao vel-os de rastros, em attitudes ridiculas?

Começou, pois, para elles a expiação.

*

O programma-farça, apregoado nos quatro ventos pelos tartufos bifrontes, a celebre *pastilha* democratica, divulgada com audacia pelos matulões de alfurja na tripeça da praça publica, e por todos os burlões atrevidos na imprensa prostibular, tinha, em verdade, as suas bem disfarçadas aspirações — tanto assim, que os incautos cairam no anceado ludibrio.

Elle era liberdade, a maxima liberdade de pensamento e de reunião; elle era a tal caixa de aposentação para operarios; os desastres no trabalho; o suffragio e o serviço militar obrigatorio; *a protecção ás cooperativas e a guerra ao monopolio (!)* etc. O nephelibata Mirabeau, *dessiné par Gavarni*, o cinico Danton — *chauffeur*, o asno especulador do *Mundo*, o S. Jeronymo — rachado, e tuti quanti... emfim, os *verdadeiros* defensores do povo, tudo promettiam, em salamaleques e olhares apostolicos, ao povo trabalhador, avido de conquistas.

Lembram-se do polvo, mais traidor que o Judas, que veste todas as cores para enganar os incautos habitantes das aguas, admiravelmente descripto por Vieira? Pois *já que estamos nas covas do mar*... esses bilontras conseguiram entrar no coração operario, vestindo o casibeque de socialistas!

Alguns, naturalmente os mais habeis da quadrilha, — que canalhas! — fingindo-se illuminados pelo espirito santo... de orelha de Proudhon e Kropotkine, chegavam a confessar-se libertarios! E' verdade. Se algum dos malandros me desmentir, apontal-os-hei a dedo. Eu só falo a verdade.

Mas agora exulto de alegria. O paiz, o povo trabalhador viu bem ha dias como eram falsos os principios apregoados pelos seus pseudo-defensores. No comicio de protesto contra a falcatrua monopolista do pão e das carnes, patenteou-se bem alto como a cáfila vermelha dos tratantes estava ao lado dos reis magarefes e dos açambarcadores do fabrico do pão. Isto é: jungindo mais a besta á colleira, apertando mais a grilheta do escravo: sanccionando o decreto da Fome!

Todos viram alli, distinctamente, como são embusteiros, como são vilissimos, como são pulhas esses abjectos escarros sociaes que, depois de levarem o povo ao matadoiro, o tentam agora conduzir á Rocha Tarpeia da miseria! Todos alli analisaram bem, como os archi-bandidos recebiam os trinta dinheiros malditos, sob a clamyde vermelha da republica com que se cobriam, para occultarem as suas bandalheiras!

E' edificante!

O' Justiça, ó gentes, ó cyclopes do Tartaro! forjae-me um tagante formidavel, um tagante que pese toneladas, que eu quero esmagar a cafila infame e todas as suas infamias!

Povo! Olha os teus falsos amigos! Olha os grilhetas vermelhos, os vampiros...

Cospe-lhe na cara!

* *

Convidados a subir ao estrado do comicio, vejam se algum dos ultra-criminosos lá appareceu! Debandaram. Os canalhas tambem são covardes. A sua exautoração foi completa.

O povo ficou consciente das suas bandalheiras. Puzeram-se a nú todos os galerianos.

Recorto d'um jornal:

«O povo que vos tem mantido e sustentado; o povo por tanto tempo por vós burlado e escarnecido, abre emfim os olhos e vê o que sois a o que valeis: — comprehende finalmente que não passaes de um lazarento bando de cães famintos ao serviço de quem vos der um osso a roer em paga dos vossos latidos e arremettidas.

Cobardões!

Calumniaes, mentis nos vossos sujos pasquins, pretendeis sujar as cooperativas com a vossa baba de reptis venenosos e fugis, vilões ruins! Não tendes ao menos a trivial coragem de ganhar o dinheiro que vos dão!...

Porque não fostes ao comicio? Não vos convidaram?

Corja de pulhas!

Então os defensores, os paladinos do povo teem medo d'esse povo? Fogem d'elle como gatunos da policia?

Como vos desmascaras, sucia de bandidos!»

Pois não sabem para onde elles fugiram? Para onde foram?

Bem simples: foram dizer laracha que o adeantado da hora me não permitte criticar, facejos mirabolantes, continuar a sua obra de armadilha alli para a escola de 31 de Janeiro! Lá estiveram tres dos bilontras que não tiveram a *imprudencia* de se apresentar no comicio: S. Jeronymo, o chauffeur-marão e o marçano lanzudo da Democracia. *O Mundo* diz que foi para elles um dia memoravel!

Bem memoravel foi, na verdade, pois que ha de ficar gravado na alma popular que outr'ora os acariciou, os aclamou, os cobriu de rosas, na sua sentida e candida infantibilidade e na sua angustia do exodo de sete seculos; mas gravado como o maior pesadello, gravado para que não mais escute a palavra enganadora e perfida de bandidos apostolicos, gravado, para lhes pisar a cabeça, como se faz ás viboras, se novamente lhes saltarem ao caminho!

Lisboa.

IGNOTUS II

O JULGAMENTO DO POVO DE AVEIRO

Eis o accordão que nos condemnou e que transcrevemos do nosso collega *Beira Mar*:

O auctor Eugenio Ribeiro, casado, medico e director do periodico *Independencia d'Agueda*, morador na villa d'Agueda, accusa na petição de fls. 2 o reu Francisco Manuel Homem Christo, casado, jornalista, d'Aveiro, de haver transgredido os artigos 407 e 410, com as aggravantes dos n.os 1, 32, 33, e 34 do artigo 34 do Cod. Penal, e artigos 5 e 6 da lei de imprensa de 11 de abril de 1907, porque como proprietario e director do periodico o *Povo de Aveiro*, que semanalmente se publica n'esta cidade e distribue em numero superior a dez exemplares, é, perante a lei, o presumido auctor do artigo epigraphado *Idiotas e malandros*, publicado na segunda pagina do numero 1339 do dito periodico, de 19 de dezembro de 1909, por isso que em todo o referido artigo se manifesta a intenção de offender a honra e consideração pessoal do requerente, principalmente nas palavras especificadas nos artigos 5.º, 6.º e 7.º da petição inicial, pelo que pede a condemnação do reu, ou de quem se mostrar responsavel, nas penas legaes, sellos, custas, procuradoria e 200$000 réis de indemnisação.

Esta petição acha-se instruida com os documentos de fls. 5 a 18, e cumpridas as formalidades legaes previas, foi citado o reu, que não deduziu contestação alguma.

Pelo despacho de fls. 22 foi designado o tribunal collectivo como o competente para conhecer do feito e declarada inadmissivel a prova dos factos arguidos, marcando-se dia para a discussão em audiencia, na qual ambas as partes apresentaram documentos que foram juntos aos autos.

O que tudo visto e ponderado: e

Considerando que em face dos autos não resta a menor duvida de que o reu Francisco Manuel Homem Christo é proprietario e director do periodico — *O Povo de Aveiro* — que semanalmente se publica e distribue n'esta cidade em tiragem muito superior a dez exemplares, e como tal é o presumido auctor de todos os escriptos n'elle publicados, como é expresso no artigo 7.º, § 2.º da citada lei de imprensa;

Considerando que em o n.º 1339 d'este periodico, publicado em 19 de dezembro ultimo, se acha na 2.ª columna da 2.ª pagina o artigo incriminado sob a epigraphe *Idiotas e malandros* no qual se encontram realmente as palavras e phrases especificadas nos artigos 5.º 6.º e 7.º da petição inicial;

Considerando que d'essas palavras e phrases só podem reputar-se diffamatorias as do periodo em que se diz que o A. falsificou uma letra de divida assignada pelo Conde da Borralha e outros, roubando-lhes assim a propriedade do jornal, por serem as unicas em que se lhe imputam factos certos e determinados, evidentemente offensivos da sua honra e consideração, Cod. Pen. artigo 407;

Considerando que a diffamação só attinge o grau de calumnia quando o accusado, propondo-se e sendo-lhe licito provar a verdade dos factos imputados, não consegue fazer essa prova, como é expresso no artigo 409 do Codigo citado; e assim

Considerando que não tendo sido permittida ao réo a prova das imputações incriminadas nunca, no caso sujeito, se póde dar o delicto de calumnia, como o auctor pretendia;

Considerando que pelo que respeita ás demais palavras denunciadas como offensivas do auctor, se realmente não primam pela delicadeza, como em verdade assim é, não pódem, todavia, ter-se como injuriosas, por não visarem o caracter e honra do mesmo auctor;

Considerando, quando ás aggravantes allegadas, que não procede a da premeditação por ser inherente ao delicto de que se trata. Cod. Pen. art.º 40, n.º 2; nem a da alinea 32 do art.º 34 por absoluta falta de prova: nem mesmo as das alineas 33 e 34 do citado art.º, porque pelo certificado do registo criminal do réo se prova que este nunca anteriormente soffrera condemnação alguma, nem contra elle se dá a accumulação de crimes;

Considerando que a indemnisação de 200$000 réis, pedida pelo auctor só é devida pelo crime de calumnia, quando o offendido allegue e prove ter direito a ella (Lei de imprensa art.º § 2.º) e **no caso sujeito nem se dá o crime de calumnia, nem o auctor fez a menor prova de que realmente soffreu quaesquer perdas por virtude do artigo incriminado**, como aliás era indispensavel, visto o disposto no art.º 2389 do Codigo Civil e 32 da citada Lei;

Considerando que **pela discussão se provou que o artigo incriminado foi provocado por outro, anteriormente publicado no periodico de que o auctor é director, em que o réo foi injuriado;**

Pelo exposto e mais dos auctos julgam a accusação **procedente e provada tão sómente quanto ao crime de diffamação**, e o réo incurso no art.º 5.º e 6.º da Lei de Imprensa, e condemnam-o, e tendo em vista o art.º 98 do Codigo Penal e art.º 22 do Decreto de 15 de setembro de 1892, na multa de cincoenta mil réis, e nos sellos e custas dos autos, em que se incluirá a quantia de quatro mil réis, que a titulo de procuradoria arbitram a favor do auctor, **sem outra indemnisação.**

Aveiro, 25 de fevereiro de 1910.

José Pinto Ferreira Dias.
Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães **(vencido).**
Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça.

Como se vê, com mais um geitinho era... um accordão absolutorio.

O tribunal reconhece que **não nos foi permittido** fazer a prova das imputações incriminadas.

O tribunal reconhece que **não houve calumnia.**

O tribunal reconhece que **fomos provocado.**

Logicamente, e moralmente, só lhe restava, depois d'isso, absolver-nos. Assim o entendeu um juiz, o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, que assignou *vencido*. Poderia ter assignado *vencido* por outro motivo. Até por exigir um accordão mais grave que o que fica ahi publicado. Mas não. Folgâmos de declarar que o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães assignou vencido simplesmente por ter votado a nossa absolvição.

A esse proposito diremos que não são justas as accusações dirigidas ao sr. dr. Alvaro, que correm toda a cidade e que chegam até nós em cartas e outras fórmas de communicação.

Não ha duvida nenhuma que a opinião publica recebeu muito mal a nossa condemnação. Que são geraes as censuras ao sr. dr. Alvaro por não ter feito causa commum com o sr. dr. Antonio Carlos. Que ficasse o juiz de direito subordinado ás formulas, diz-se. Mas que nos absolvesse o sr. dr. Alvaro. Acima da lei escripta, accresenta-se, está a lei da verdade, da justiça, da moral absoluta, a verdadeira lei, afinal. Quantas vezes o jury, com applauso publico, grande applauso publico, mesmo, com plena satisfacção da consciencia publica, não dá como não provados crimes gravissimos, crimes de morte, por exemplo, aliás provados? Matar é um grande crime. Comtudo, ás vezes é, na consciencia de todos, um acto, se não merecedor de galardão, pelos menos justificado.

Nós estamos prestando um serviço relevante á sociedade portugueza e á moral universal.

Arriscamos fazenda e vida n'um acto meritorio. Estamos dentro da mais rigorosa justiça e da mais rigorosa verdade.

Accresce que é tudo quanto ha de mais porco e indigno vir um jornalista, tendo provocado e injuriado outro, pedir á lei que *castigue a resposta* do jornalista injuriado. E a uma lei que o tal jornaliqueiro fulminou como infame!

A opinião publica d'Aveiro não se conforma com a decisão dos juizes, sobretudo d'aquelle sobre quem não pesam as responsabilidades das formulas, e, em absoluto, tem muita razão. Mas devemos attender: 1.º a que o sr. dr. Alvaro estava dentro da lettra rigorosa da lei; 2.º a que o sr. dr. Alvaro não obedeceu, como se diz, a nenhum proposito rancoroso ou má vontade contra nós.

Perante a moral absoluta, essa moral superior a todas as leis, a moral da verdade, que é a verdadeira moral, todo o elemento pensante e digno d'Aveiro tem razão para censurar o sr. dr. Alvaro. Mas perante a moral da lei escripta não tem razão nenhuma. Façamos justiça contra nós mesmo. A lei é apertadissima no que diz respeito a injurias. E de tal forma que não ha censura nenhuma que, bem esmiuçada, não caia sob a alçada da chamada lei d'imprensa em Portugal. O juiz é severo? Ai do jornalista! Mas, por mais severo que seja, o juiz não deixa, á face da lei escripta, de ser justo. Não façamos como os republicanos que acham bom e justo tudo quanto se faz a favor d'elles, e mau e injusto tudo quanto apparece contra elles.

Quanto á má vontade do sr. dr. Alvaro contra nós, é uma perfeita balela. O sr. dr. Alvaro é, até, das pouquissimas pessoas de Aveiro com quem sempre tivemos relações. E dos pouquissimos a quem nunca dirigimos, não diremos já uma affronta, mas uma aspera censura. E' amigo d'um irmão nosso. E etc. N'esse ponto ha, da parte do publico, uma confusão. O que o sr. dr. Alvaro nos vem censurando ha muito é o nosso desprezo pelas questões locaes. O sr. dr. Alvaro é *legalista*, como ainda agora o demonstrou no nosso julgamento. Rigorosamente legalista. E' moralista. Rigorosamente moralista, como o tem demonstrado em toda a sua vida. E' bairrista. Para elle a patria é Aveiro. E, sendo esta a sua concepção, fere-o, vem-o ferindo ha muito tempo, a nossa indifferença pelas coisas de Aveiro. Queria-nos a esmagar immoralidades. A fulminar escandalos. A dar para baixo em corruptos. Ainda n'outro dia, por exemplo, ha mezes, elle se mostrava irritadissimo — e disse-o a uma pessoa da nossa intimidade — por termos defendido das furias da imprensa local o sr. padre Salgueiro, director do Asylo. Segundo o sr. dr. Alvaro, ha tremendas immoralidades nos asylos, escandalos a que é preciso pôr têrmo, e, em logar de o fazermos, ainda vinhamos como que servir de escudo, *com a nossa auctoridade*, aos delinquentes.

N'esta parte, no que diz respeito ao Asylo, não sabemos se o dr. Alvaro tem razão. Nós procedemos na mais absoluta boa fé e convencido de que estavamos servindo a verdade e a justiça. Nem discutimos agora isso. Só veio a pêlo de provar que não ha má vontade nenhuma do sr. dr. Alvaro contra nós. Justiça acima de tudo. Faça-se justiça. O que ha, é o seu espirito legalista, bairrista! O seu despeito de patriota e de moralista.

Não temos, pois, nada, de que censurar o sr. dr. Alvaro de Moura. Sentado na sua cadeira de juiz e elle na nossa cadeira de réo, teriamos procedido, garantimo-lo, como procedeu o sr. dr. Antonio Carlos. Mas isto como affirmação de principios e de forma alguma como censura. Por isso que, já o affirmámos e repetimos, sob o ponto de vista da observancia rigorosa da lei escripta, o sr. dr. Alvaro andou bem.

De resto e para terminar, diremos:

1.º Que nunca desprezámos as questões d'Aveiro. Outras, mais altas, teem absorvido o nosso espirito. Unico motivo porque muitas vezes não damos a devida attenção aos assumptos d'esta terra.

2.º Que este incidente serviu, todavia, para nos chamar á realidade das coisas locaes, promettendo desde já, achando razão ás justas censuras do sr. dr. Alvaro, de futuro olhar para ellas devidamente.

Aveiro tem, na verdade, algum direito a gosar os beneficios do nosso estadulho. Concordamos plenamente que ha por ahi chagas e chagados, devassidões e devassos, que precisam de cauterio a valer.

—†—

Sobre o julgamento do *Povo de Aveiro* escrevia o nosso collega *A Beira Mar*, um dos dois jornaes que representam, n'esta cidade, o partido regenerador liberal, um longo artigo, do qual vamos extrahir alguns periodos:

«Effectuou-se na sexta-feira o julgamento de aquelle collega local que, como se sabe, respondia pelo crime de injuria, praticado contra Eugenio Ribeiro, medico e director da *Independencia d'Agueda*, semanario republicano que se publica n'aquella villa.

Este julgamento estava despertando largo interesse na cidade, e, na verdade, ao tribunal accorreu grande multidão, anciosa por ouvir o director do *Povo de Aveiro* que, segundo se dizia, tinha desejos de se defender a si proprio.

Pelas 11 e meia da manhã constituia-se o tribunal collectivo composto pelo digno juiz da comarca, pelo seu primeiro substituto, dr. Alvaro de Moura, e pelo sr. Conservador do registo predial, dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães.

Eugenio Ribeiro, medico e director do jornal republicano *Independencia d'Agueda*, não compareceu e, abandonando o seu antigo advogado dr. André dos Reis, que o é e illustre nos auditorios d'esta comarca, fez-se representar pelo sr. dr. Carlos Amaro, fluente orador republicano e, como todos os republicanos, inimigo declarado do *Povo de Aveiro*.

O sr. Homem Christo que compareceu no tribunal, havia, segundo declarou, convidado á ultima hora para tomar a sua defeza, o illustre deputado Alexandre d'Albuquerque, que não estava presente na constituição do tribunal, pelo que, e depois de umas breves explicações, o Meretissimo presidente nomeou o advogado Jayme Silva, que se achava no tribunal, defensor officioso do accusado.

Mas momentos depois entrava na sala o dr. Albuquerque, pelo que, immediatamente, entrou no exercicio da sua procuração.

. . . .

«E' caso extraordinario e nunca visto e que só se póde admittir nos grandes *liberalões* com a justificação do advogado do auctor Eugenio Ribeiro, que bem demonstrou ser preciso acabar com o *Povo de Aveiro* por qualquer modo, por *fas* ou por *nefas*, porque *aquillo* (o *Povo de Aveiro*) é o vivo demonio para os republicanos, e *isto* (o director Homem Christo) um perfeito inferno para os seus chefes.»

. . . .

«Como diziamos foi uma cerrada e odienta accusação ao director do *Povo de Aveiro* e á sua obra, e uma pretensa demonstração de que á sociedade portugueza (?) convem, e é indispensavel á sua disciplina e bom funccionamento, a eliminação d'aquelle jornal que é um pelourinho dos republicanos, e um tormento dos seus chefes.

E, caso engraçado, é aqui de explicar que, quando o *Povo de Aveiro*, exercendo e praticando tal qual como agora, pelos mesmos processos e pela mesma fórma, aggredia os monarchicos, aggredia os franquistas, e quer no campo da doutrina, quer no campo pessoal, tal qual como hoje faz aos republicanos, este jornal era posto na lua por o partido avançado, era elogiado como o primeiro jornal de combate, era apontado como o que melhor servia a causa da moralidade.

E, ainda caso engraçado: os seus artigos eram transcriptos, eram apontados como a unica verdade, a unica doutrina, e, quer o *Povo de Aveiro* dissesse mal, quer insultasse, quer diffamasse os monarchicos, elles ahi vinham, os republicanos, apontando-o a consagração publica, como o orgão da verdade, da justiça e da moral.

Quando Cunha e Costa, no Brazil, acceitou o logar de consul da monarchia portugueza, e quando acceitou a mercê de commendador da Conceição, o *Povo de Aveiro* fez explendidos artigos de critica e censura, e embora não desprezasse o campo pessoal, e antes o escolhesse de preferencia, para as *charges* áquelle antigo republicano e ao seu procedimento politico, a verdade é que o *Povo de Aveiro* continuava a merecer o elogio dos republicanos, que o transcreviam, que o decoravam, que o dignificavam!

Agora o *Povo de Aveiro*, cheio de razão, com motivos de sobra, com argumentos irrespondiveis, com factos, com provas, documentando o que avança, ataca os republicanos, desanca-os, põe-os no ultimo extremo da degradação moral, e aponta-os como a causa maior, senão a unica, da desordem, da indisciplina, do mal grande e tenebroso de que enferma a sociedade portugueza.

E, pois que assim faz, o *Povo de Aveiro*, out'rora tão cantado, out'rora o jornal dos jornaes, foi para o *index* e ahi estão os republicanos, batendo á porta da monarchia para que, pelos seus tribunaes, pelos seus juizes, pelos seus homens, abatam o colosso que os está demolindo, que os faz cair do seu pedestal na lama que os ha de atascar indefinidamente!»

. . . .

«O julgamento de sexta-feira foi uma sevéra, mas justa, exauctoração do partido radical e dos seus chefes, cabendo as honras d'esse acto politico, da maior importancia no momento historico que estamos atravessando, a Alexandre d'Albuquerque, a quem cordealmente abraçamos.

Não se julgou Homem Christo a requerimento de Eugenio Ribeiro, medico e director da *Independencia de Agueda*.

Julgou-se o partido republicano e julgou-se a revolta natural e humana contra a desordem, contra a anarchia, contra a immoralidade que elle trouxe a este paiz, que elle mantem n'este paiz.

Não se tratava de um insignificante processo por injurias, requerido por Eugenio Ribeiro contra Homem Christo.

Tratou-se do julgamento do *Povo de Aveiro* a requerimento do partido republicano.

Tratou-se do julgamento do jornal que tem feito accordar a devida e justa indignação publica contra a série de bandoleirices, contra a infamia, contra a indecorosa ascendencia de um partido que pretende, pelo terror, dominar um paiz, em que é minoria, em que é uma fraca e réles minoria.

Tratou-se de eliminar um homem que se propõe correr os bandoleiros, exterminar as quadrilhas, demolir a infamia, e, exactamente por isto, veio o interesse por esse julgamento a que, como dissemos, assistiu grande multidão, na attitude da qual os republicanos deviam ter visto que isto ainda não vae assim, e ainda ha muita gente capaz de resistir á sua campanha, e de se rir do terror que espalham.

A verdade da doutrina do *Povo de Aveiro*, tem aberto os olhos, e despertado os sentimentos bons d'este bom povo, que começa a reagir contra este estado de cousas, que tem sido vergonhoso e humilhante».

. . . .

«Nós não temos que discutir Homem Christo que, de facto, nos magoou e offendeu gravemente.

Nós temos que vêr, que compulsar a sua obra, a sua extraordinaria obra de reacção contra a infamia, contra os bandidos, contra esse radicalismo indecoroso que quasi nos avassalla, que, pela nossa covardia, quasi nos avassalava.

Temos que ver, que ponderar a sua obra, a sua extraordinaria obra, e os resultados que ella produz, incutindo animo para reagir a esta sociedade de commodistas e de egoistas.

E vendo-a, abraçamol-a, pelo que ella representa de salvador para este paiz, de moralisador para todos os cidadãos que ainda presam o seu nome, e a honra da sua terra.

Abraçamol-a sinceramente, e bem alto assim o declaramos para conhecimento de todos.

Somos solidarios n'este momento: nós e todos aquelles que advoguem a boa doutrina, a boa doutrina do *Povo de Aveiro*.

E digam os *gravatinhas* o que quizerem, que hoje só a lingua lhes pode valer.»

Nasceu assim... a gatunar...

Escrevem-nos de Coimbra:

Costumo lêr com toda a attenção todos os numeros do *Povo de Aveiro*; porem, no ultimo numero parece-me que foi V. mal informado com referencia ao plagio de Guerra Junqueiro. Este poeta não plagiou Soares de Passos, mas sim Luiz Carlos Simões Ferreira que é o verdadeiro auctor da poesia — *No Bussaco* como se poderá vêr no lindo quadro de confronto abaixo transcripto. O auctor d'estas linhas é do tempo de Guerra Junqueiro e de Luiz Carlos; um dia, do anno de 1870, dando pelo plagio lembrou-se d'interrogar Luiz Carlos sobre o extraordinario facto, e elle narrou-lhe o seguinte:

"Fui amigo de Guerra Junqueiro e o que elle fez não o posso attribuir senão a uma grande estupidez moral; como nós ambos versalhavamos, frequentava elle a minha casa amiudadas vezes. Sobre a minha mesa de estudo tinha uma pasta onde guardava algumas poesias, umas ineditas e outras que já tinham sido publicadas em diversos jornaes e almanachs.

A poesia — *No Bussaco* desappareceu-me de dentro da pasta mas ella tinha já sido publicada em 1862.

Junqueiro, julgando-a talvez inedita, houve por bem fechar com ella a sua primeira producção litteraria intitulada — *Vozes Sem Echo*. Tem uma desculpa; é que sendo elle um poeta extremamente modesto, como provou pelo titulo que deu ao seu livrinho, vê-se que já no tempo de caloiro tinha o instincto de que as suas Vozes... não chegariam ao Ceu!"

Só chegaram até á *Cruz Alta* como se verifica pelo seguinte e edificante quadro.

No Bussaco

(IMPROVISO)

por Luiz Carlos

1862

Foi aqui, foi aqui que o povo lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me ainda ouvir o grito dos vencidos,
O estrepito da lucta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão.

Meus olhos cuidam vêr o aspecto majestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
E' hymno de triumpho e nedia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquillos repousae da ingente heroicidade;
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

1862

Luiz Carlos.

Na Cruz Alta do Bussaco

(IMPROVISO)

por Guerra Junqueiro

1867

Foi aqui, foi aqui que o braço lusitano
Os livros da victoria abriu mais uma vez!
Foi aqui, foi aqui que as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me ainda ouvir o grito dos vencidos,
O estrondo da batalha, os roncos do canhão!
Parecem reboar ainda aos meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão.

Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos, que o pendão das Quinas defenderam!
O canto da floresta, altivo, rumoroso,
E' hymno de triumpho e nedia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora:
Das lides descançae na sancta eternidade;
Raiou de vossa campa uma sublime aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

1867.

Guerra Junqueiro.

Depois d'isto, sr. Redactor, ponho á sua disposição para poder verificar, não só o livrinho — *Vozes sem Echo*, mas tembem o — *Guia Historico do Bussaco* pelo Dr. Augusto Mendes Simões de Castro onde se encontra publicada a poesia de Luiz Carlos.

Muito mais lhe poderia communicar a respeito do auctor? da *Velhice do Padre Eterno*, mas para que? Não terá jus um sêr inanimado á generosidade das gentes?

P.

O nosso collega *Progresso d'Aveiro*, orgão do partido progressista no districto de Aveiro, escreveu:

Digam o que disserem os nossos republicanos —o julgamento do *Povo de Aveiro* foi mais uma jornada infeliz para os *gravatas-vermelhas* d'este districto, tão infeliz como essa outra da Fogueira, que lhes não passa. E mais do que isso, foi um desastre, um verdadeiro e grande desastre para a *pobre creatura* que teve a simpleza caricata de chamar ao tribunal o vigoroso plumitivo como outro não ha na actualidade.

A casa da justiça estava repleta de uma multidão enorme, avida de assistir ao desfecho d'este processo celebre.

Na sala da audiencia via-se gente de todas as classes sociaes, medicos, advogados, professores, clerigos, artistas, pescadores, que iam assistir á discussão da causa d'onde havia de sahir annihilado para sempre o *desqualificado ex-capitão*. (sic)

Tal era o desejo e o pregão dos republicanos e tal foi o intuito do jornalista d'Agueda ao requerer procedimento judicial contra outro jornalista, á sombra d'uma lei a mais combatida e odiada dos adversarios das instituições monarchicas, os redemptores da patria e das batatas.

O sr. Homem Christo foi accusado pelo bacharel republicano, Carlos Amaro, que propositadamente veio de Lisboa.

O seu discurso foi a annunciada e esperada catilinaria contra o director do *Povo de Aveiro*, que o republicanismo odeia com o mais entranhado de todos os rancores.

Cumprindo a palavra de ordem, o advogado do dr. Eugenio Ribeiro vociferou contra os processos jornalisticos do sr. Homem Christo, e desde a primeira á ultima das suas palavras, o representante do offendido não fez senão revelar alli, deante de todo o publico, quanto o maior apologista da instrucção em Portugal é temido por esse partido a cujo directorio o sr. Homem Christo já pertenceu e de que voluntariamente se exonerou.

Quanto á situação moral do seu constituinte, foi cousa de que não se occupou o sr. dr. Carlos Amaro, deixando o auditorio sem poder ajuizar dos fundamentos ou inanidades das accusações do *Povo de Aveiro*, no caso que deu origem ao famoso processo de se[illegible]ira.

Ao sr. dr. Carlos Am[illegible]deu o nosso illustre amigo e brilhante pa[illegible]r sr. dr. Alexandre d'Albuquerque, director do *Liberal*, e um dos oradores do comicio da Fogueira, que tantos engulhos causa ainda agora aos amigos da *figura apagada* do partido republicano, que se chama Eugenio Ribeiro.

O distincto orador não teve difficuldade em rebater uma a uma as imputações do advogado do auctor, desfazendo logo no primeiro instante toda a peça oratoria do sr. dr. Amaro, colada na cachimonia, virgula a virgula, architectada no vacuo das almas mesquinhas, sem grandeza de animo, convencidas pelo grande tribunal da opinião publica das mil accusações pavorosas que lhe tem sido feitas, frente a frente, pelo polemista intemerato e invencivel.

O sr. dr. A. d'Alburquerque mostrou como a linguagem, quasi sempre violenta do *Povo de Aveiro*, é o thermometro da alma de um perseguido, infame e injustamente tratado de traidor por aquelles que mesmo agora o insultam e appelidam de desqualificado, depois de um tribunal republicano haver reputado honrado e digno o sr. Homem Christo!

O patrono do réu fez vêr como o redactor do *Povo de Aveiro*, sendo official do exercito, foi muitas vezes louvado e foi o unico dos republicanos militantes que não se limitou a declamar sobre a necessidade de instruir o povo. Antes elle mesmo, juntando a acção á palavra, fez de mestre escola, fornecendo ao soldado analphabeto o pão do espirito como pelo pão do corpo, pela alimentação barata para as classes pobres, fizéra a mais intensa propaganda.

O sr. dr. Alexandre d'Albuquerque teve muitas rajadas de eloquencia, suggestiva e empolgante, que por vezes electrisou o auditorio que, na sua grande maioria, estava, como o illustrado profissional, interessado pela sorte do accusado, fazendo votos pela sua absolvição.

O illustre advogado, repellindo o assaque de calumniador para o seu constituinte, provou que o sr. Homem Christo só depois de primeiro haver sido offendido pela *Independencia d'Agueda* é que, em esforço, reproduziu no *Povo de Aveiro* a imputação que em carta de seu punho um ecclesiastico de Agueda fazia ao director da *Independencia*.

O auditorio ficou pois convencido de que a posição moral do accusado era bem melhor do que a do accusador.

O julgamento terminou pela condemnação do director do *Povo de Aveiro* em cincoenta mil reis de multa, o que de nenhum modo representa a annunciada morte do jornal que é espectro dos assassinos do Nunes Pedro e dos ladrões do cartuchame.

O sr. Homem Christo, condemnado em obediencia ás formulas, foi acompanhado á sahida do tribunal por grande numero de pessoas, até á Praça Luiz Cypriano, d'onde, a pedido do director do *Povo de Aveiro*, seguiu só para a sua casa da rua de Arnellas.

O sr. dr. Alexandre d'Albuquerque foi muito felicitado.

Nota final—Foi muito notada a substituição á ultima hora do primitivo patrono do sr. dr. Eugenio Ribeiro, que acompanhou a causa até ao dia do julgamento.

A tiro

Sr. director do "Povo de Aveiro",

Rogo a V. . . . o obsequio de responder ao seguinte questionario:

1.º — Dada a permanencia do general Baracho no exercito, terá auctoridade a chamada **junta de moralidade** *para se manifestar contra qualquer alcoolico que vista farda?*

2.º — Dada a escandalosa resolução da junta de saude em beneficio do general Sarmento, terá a mesma junta auctoridade moral para dar por incapazes do serviço quaesquer officiaes surdos, *que de futuro lhe sejam submettidos?*

3.º — O que julgarão os pulhas e cretinos da politica, da dignidade e consciencia do officialato portuguez?

Que todas estas malandrices veem a acabar a tiro, é isto ponto de fé d'um

Official limpo de politiquices e venerador da justiça.

Perfeitamente. Mas é preciso envolver tambem n'esses *pulhas e cretinos da politica* numerosos officios do exercito. Justiça acima de tudo!

O ministro da guerra actual foi cumplice n essa infamia Baracho. A junta de saude que deu apto para o serviço o general Moraes Sarmento é composta de militares.

Ministros da guerra successivos teem sido réos dos maiores crimes. Alguns mais pulhas, mais indecentes, mais reles — todo o mundo os conhece — ladrões provados, do que os paisanos mais indecentes, mais escandalosos.

E' preciso fuzilar os *pulhas e cretinos da politica*? E'. Mas sem excepção dos *pulhas e cretinos da politica* . . . militares.

Dirá o correspondente: *Mas eu não fiz excepção d'esses!* . . .

Bem sei. Nós estamos apenas aclarando, confirmando, rectificando.

De resto, sabe o official que se nos dirige — basta lêr as ordens do exercito — que teem sido castigados e reformados varios officiaes como incursos no vicio d'embriaguez. Sabe quantos officiaes as juntas medicas teem dado por incapazes physicamente, algumas vezes impiedosamente, até. Isto estando o Borracho não só dentro das fileiras, como sendo n'ellas uma creatura glorificada, uma creatura sagrada. Isto sendo o Moraes Sarmento outra creatura . . . privilegiada.

Só a tiro, sim. Só a tiro!

Ninguem n'este paiz tem auctoridade moral.

Infelizmente, morreu. Oremos por ella, que é orar por esta pobre patria. E talvez que possamos, assim, obter ainda a remissão dos nossos tristes peccados.

A GRANDE QUADRILHA

Vimos já como o cidadão Mella, membro graduado da maçonaria, de que só fazem parte homens honrados, tratou de roubar a *Tinoca* e o socio, e de como a sua imbecilidade aladroada se sahiu do lance. Vimos tambem como elle mente deturpando os factos a ver se consegue continuar a illudir e a chuchar os amigos dos varios partidos politicos.

Entende elle que o illustre advogado sr. dr. Victor dos Santos não pode estar arrependido de lhe ter tomado conta da defesa porque lhe pagou esse serviço.

E' que elle pelo facto de ter pago á *Tinoca* forçadamente o que pretendia roubar-lhe, julga que praticou uma acção em que nada ha de censuravel.

Ora o sr. dr. Victor dos Santos deve estar arrependido pela simples razão de que se viu a braços com difficuldades grandes para defender o illustre cidadão, e tendo visto o sacrificio e a reluctancia que varias pessoas fizeram para ir depôr coisas que eram precisas, mas que não eram bem verdadeiras. E o sr. dr. Victor dos Santos que é um homem grato, e amigo do seu amigo, não pode ver ingratos e intrigantes, como o sr. Mella se lhe revelou depois, para pessoas a quem devia favores inolvidaveis.

Quanto á agencia de compras e á chefia da tal repartição onde entrou sabendo menos que o continuo, preterindo escandalosamente os empregados sabedores que lá havia e que o ensinaram se elle alguma coisa já sabe, não quiz desfazer a ignorancia dos leitores e por isso vou eu explicar a coisa para mostrar que mais uma vez mente. As compras são feitas pedindo-se propostas aos fornecedores. E' claro que é preferida aquella proposta que offerece melhores condições de preço e de qualidade. Mas tudo isto não havendo honestidade pode ser sophismada, como é facil de comprehender. Tambem é facil de ver que o fornecedor escolhido tem interesse em fornecer pelo mais tempo possivel, e esse tempo pode depender, é claro, de quem esta á frente do serviço. Já ahi, quando não podesse ser por outro lado, o arranjinho se poderia fazer. Eu respondo a este assumpto, que não tratei porque não escrevi a carta em que elle se ventilava, apenas para não deixar passar em claro esse ponto que o sr. Mella quer apresentar como coisa impossivel de dar-se e portanto mais uma calumnia que lhe assacam os anonymos, como se a verdade, se a logica, precisassem de tirar folha corrida.

Lá se o sr. Mella se servia do logar para fazer o mesmo que queria fazer á *Tinoca*, isso é que não sabemos, mas que o podia fazer e tinha bojo para isso, não pode haver duvidas depois do que fica exposto e dos favores que na pharmacia fazia a quem queria mas á custa dos seus proprietarios. Quererá tambem o sr. Mella provas de que fazia favores com o que lhe não pertencia?

Veja lá . . . Se quizer é pedir por boca.

E tem este typo, este *gajo*, este descarado *gajo*, o arrojo de dizer: "*fiz sempre guerra á incompetencia, á incapacidade e á torpeza!*

E' onde pode chegar!

E a respeito de instinctos revolucionarios e sanguinarios? Quem o tem ouvido, quando elle não tem pela frente alguem a quem tenha de explorar em favores e que lhe seja superior, é que pode dizer como o seu correspondente fala a verdade.

Uma vez, quando ainda estava na pharmacia, disse taes coisas de D. Carlos, que o Alvim ou outro official que ali costumava ir e que era amigo do rei, se zangou e esteve em riscos de cortar relações com elle.

Com respeito á sua má lingua, todos os que iam pela pharmacia sabem o que elle dizia de sua prima que lá costumava ir quasi todos os os dias.

E' a lingua mais viperina que pode haver e quando não tem factos inventa-os, e quando não tem que dizer mal de extranhos di-lo até da propria familia.

O que se não sabe é a razão porque o honradissimo administrador da casa Cadaval, cujos sentimentos religiosos e politicos tão oppostos são, protege este maçon e correligionario glorificador dos assassinos do Terreiro do Paço.

Mas deve ser pela habilidade com que elle explora os bons sentimentos de toda a gente quando os seus interesses assim o pedem, fazendo-se, como na carta, um Tartufo, capaz de illudir Christo.

Passemos agora ao rebento illustre de tão preclaro e virtuoso cidadão. O rapaz passou sempre por empenhos nos exames dos lyceus, mercê dos pedidos do pae. Foi para a Escola Polytechnica e perdeu o anno! O pae sentou-lhe praça em Castello Branco e no principio do anno lectivo matriculou-o de novo na mesma escola.

Novo anno perdido. Aquillo não ia para diante. Arranjou-lhe licença e mandou-o para a lojéca onde uma tarde foi preso por vender bilhetes postaes indecentes. Era preciso sahir da tropa e mercê de empenhos uma junta de medicos poz fóra do exercito por incapacidade physica, (lá que fosse por incapacidade moral ainda se entende, como adeante se provará com um documento) um homem perfeitamente robusto e são. Foi mais um acto de *justiça* que a detestada monarchia fez aos austeros cidadãos pae e filho, roubando-se a si mesmo nas quantias que havia gasto com esse pessimo soldado, cujos sentimentos politicos se manifestam na seguinte carta publicada no numero 2606 do *Mundo*, de 8 de fevereiro de 1908, terceira columna da terceira pagina sob o titulo:

Um acto digno de registo

. . . Sr. França Borges. — Communica-me o Exm.o Sr. Francisco Augusto Pinto Guimarães, morador na Avenida da Liberdade, 212, 5.º D. que se encarrega de tomar conta da filhinha Elvira do fallecido professor Buissa.

Para que este acto digno de todo o louvor fique registado peço a V. de o fazer publicar no seu conceituado jornal.

Sem outro motivo de V. etc.

Alfredo Mella Junior.

Não quiz deixar de inserir este documento para que esse ex-soldado furtado aos deveres militares sob um pretexto que a ser verdadeiro o inhibiria de exercer cargos publicos, d'esse ex-soldado que medicos por empenho deram como incapaz do serviço, tenha, em seguida á classificação que no concurso de aspirantes da alfandega lhe foi dada, uma das primeiras vagas, pois para isso e só para isso lhe deram uma classificação que outros mais intelligentes e estudiosos e monarchicos não apanharam.

E continuam pae e filho a chuchar a teta da monarchia sempre republicanos como até agora.

E não se importam com os *calumniadores phantasticos, os reptis de baba peçonhenta* que teem a audacia de lhes estorvar a digestão.

Quando a gente é tão honrada como o sr. Mella, quando a gente tem por si a odiada monarchia que agora governa, os tyrannos D. Miguel e João Franco que ainda mandam, um na casa Cadaval e outro na Companhia Real, e quando está a surgir no horisonte o barrete phrygio redemptor e amigo, está como o peixe n'agua, sr. Mella, e deixa-os ladrar.

O mundo é do senhor e do sr. seu filho, que são afinal quem ganha, porque teem todos os trunfos na mão.

E fulmine com o seu despreso os tolos que andam por ahi a *denunciar* e a querer evitar as patifarias; os idiotas que em vez de seguirem o seu exemplo — comer e dizer mal,—não comem nem deixam comer e que são, com certeza, a ralé d'esta sociedade em que o sr. é corypheu maçonico e esforçado e valoroso combatente da republica.

C.

Salteadores

. . . Sr. Homem Christo.

Acuda cá com o seu *Povo de Aveiro* que é o mesmo que dizer com um tagante ou umchicote, que os republiqueiros d'esta villa de Benavente só a chicote se podem e devem levar.

Desejava que V. soubesse metade do que se tem passado n'esta infeliz terra, principalmente depois do terramoto. Só a sua penna poderia reduzir a . . . zero estes fantoches da republica.

Mas vamos aos factos.

A terrivel catastrophe de 23 de Abril ultimo causou um fremito de dôr em todo o paiz e até fóra d'elle. Por toda a parte se fizeram subscripções e bandos precatorios, e ricos e pobres deram o seu obolo para a reconstrucção das casas dos pobres. Quantos não deram os unicos cobres que tinham em casa para matar a fome aos filhos! Mas quer V. saber o que os republicanos ricos de Benavente pretendem? Levantar as suas casas com o dinheiro que só aos pobres e remediados devia ser applicado. Fizeram o relatorio incluindo n'elle o dr. Anselmo Xavier (vulgo «Petiz dos Cordões») classificado como remediado; Manuel Camillo Xavier, pae do dito, classificado como pobre; dr. Balthasar Guilherme de Freitas e Brito, Alfredo Guilherme de Freitas e Brito e Pedro Hypolito de Freitas e Brito, enteados do dito «Petiz dos Cordões», classificados como remediados.

Todos estes republicanos e outros que tambem figuram no relatorio, teem mais de 70 contos de réis cada um.

Alguns d'elles pagam 400$000 e 500$000 réis de contribuições ao Estado e querem que lhes levantem os predios com detrimento dos pobres, pois está averiguado que a subscripção nacional não chega para compensar os prejuisos dos pobres e dos que são realmente remediados. O mais bonito é que na subcommissão de soccorros d'esta villa, que organisou o relatorio, estão quatro doutores republicanos, que são: Anselmo Xavier, Balthasar, Salles e Dias.

Este ultimo foi o unico dos republicanos que disse nada querer receber, e o Salles nada possue em Benavente. O que é certo, porém, é que os republicanos influiram na commissão de tal maneira, fizeram taes manigancias, que o relatorio se fez como ahi fica a amostra. Que elles votassem nos correligionarios, vá! Mas que Anselmo e Balthasar votassem em si proprios e na familia, é que não se tolera. E o Bombardino Rachado a dizer que onde está um republicauo está um homem de bem! . . .

Só a tiro, como V. diz e muito bem, no seu intemerato semanario.

Que Portugal vá conhecendo a moralidade dos republicanos de Benavente. E voltaremos quando fôr necessario.

Z.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis, **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Taronca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Pavia**—José Couto Segundo. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira, **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Guimarães**—Antonio Araujo Salgado. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luís Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Estarreja**—Manuel Valente Mattos, Kiosque da Praça. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Giaulorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.

Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

MACHINA DE COSTURA, vende-se uma industrial quasi nova, *Bobina Central* e mesa de estensão; trata-se com José Maria da Costa Junior.

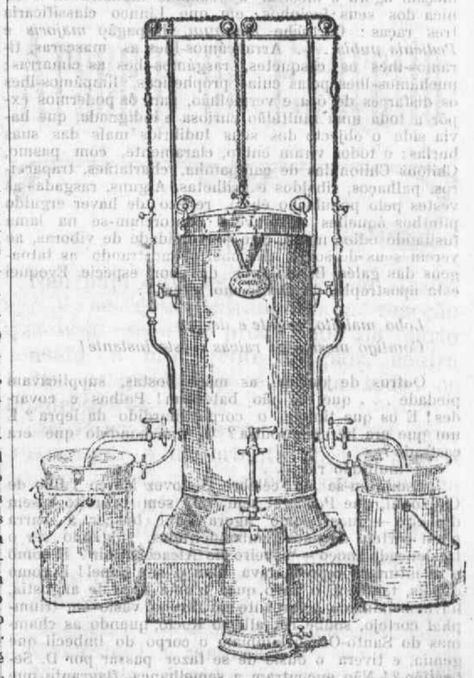
Trens de aluguer PROMPTOS a sahir a qualquer hora de dia ou de noite.—Na alquillaria Picado & Pereira

A' Ponte da Dobadoura.—AVEIRO

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

Typographia a Vapor

DE

O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento